

Prestes concita a

União Para Salvar o Brasil!

Prestes declara:

- ★ "O NOVO MINISTÉRIO DE VARGAS É AINDA MAIS "DOMÉSTICO" QUE O ANTERIOR"
- ★ "OS ALMIRANTES IANQUES ESTÃO PREPARANDO SEUS SUBORDINADOS PARA O DESEMBARQUE EM NOSSAS COSTAS E PARA A OCUPAÇÃO DO NOSSO SOLO"
- ★ "O POVO UNIDO E FORTE TEM FÓRCAS BASTANTES PARA REDUZIR OS TRATADOS FIRMADOS POR VARGAS A FARRAPOS DE PAPEL"

VOZ OPERÁRIA

Nº 216 ★ RIO DE JANEIRO, 4 DE JULHO DE 1953

Integra da importante entrevista concedida por Luiz Carlos Prestes à «Imprensa Popular»:

PERGUNTA — Que acha da atual reforma ministerial?

RESPOSTA — O sr. Vargas muda os nomes na esperança de enganar o povo e poder, assim, continuar a sua política de traição nacional, de preparação do país para a guerra, de fome e reação para o povo. A crise, no entanto, é muito mais profunda e traduz a crescente desmoralização e impopularidade do governo do sr. Vargas. Nosso povo não está disposto a morrer de fome nem quer ser arrastado às aventuras guerreiras do imperialismo americano. E' o que demonstram suas últimas lutas, especialmente as grandes greves de São Paulo e agora esta magnífica unidade nacional dos trabalhadores marítimos. Mesmo os industriais, comerciantes e agricultores não se sentem tranquilos e demonstram não confiar na política do atual governo. Não basta, portanto, substituir os homens; é necessário mudar de política, o que significa mudar o próprio Vargas. Ora, o novo ministério do sr. Vargas é ainda mais doméstico que o anterior, seus componentes nada representam politicamente, são meros serviais ou tamíços, como dizem, do sr. Vargas. O próprio sr. Aranha já declarou para tranquilizar os patrões ianques que fará a mesma política do sr. Lafer. É fácil imaginar, portanto, que os preços continuarão subindo. Os ricos serão cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. Da atual situação, que já é de calamidade pública, continuaremos marchando para a catástrofe econômica, se o povo, com a classe operária à frente, não conseguir unir-se para tomar os destinos da nação em suas próprias mãos e acabar de uma vez com esses governos de negociatas, que vendem o Brasil e escravizam e lançam na miséria milhões de brasileiros.

PERGUNTA — Como encara a vinda da esquadra americana ao Brasil?

RESPOSTA — Não é por acaso que o governo dos Estados Unidos envia agora ao Brasil tão poderosa força naval. A situação interna em nosso país preocupa o Departamento de Estado norte-americano. Nestas condições, nada melhor — pensam os magnatas de Wall Street e seu governo — que mostrar ao povo brasileiro os canhões com que massacraram há três anos o heróico povo da Coreia. A ameaça é ridícula e só servirá para aumentar mais ainda o ódio de nosso povo aos incendiários de guerra norte-americanos.

A estadia das forças armadas ianques em nossas águas e em nosso solo constitui um insulto e uma humilhação que exige a repulsa veemente de todos os patriotas. Não queremos saber de guerra nem desejamos receber mercenários e assassinos com as mãos tintas do sangue de velhos, mulheres e crianças. Exigimos a paz na Coreia sem mais delongas. Não podemos deixar também de protestar contra a impertinência insultante destas sucessivas «visitas» de forças armadas ianques ao nosso país. O Parlamento brasileiro discute o problema do petróleo? — Mandam os ianques um porta-aviões e lançam seus aviões a jacto sobre a Capital do país. Os trabalhadores brasileiros lutam contra a miséria? Erguem-se contra o governo de Vargas? — Mandam os imperialistas ianques uma esquadra de nossos portos... Aonde levará isto? E que significam semelhantes exercícios de uma esquadra estrangeira em

nossas águas territoriais e em nossos portos? Os almirantes ianques, estão, evidentemente, preparando seus subordinados para o desembarque em nossas costas e para a ocupação de nosso solo. Só não vêem isto os pobres cegos, os que não querem ver. Todos estes fatos confirmam o que sempre disseram os comunistas e ajudam a, mais uma vez, caracterizar o governo do sr. Vargas, como um governo de traição nacional contra o qual não podem deixar de se levantar indignados todos os patriotas brasileiros.

PERGUNTA — Terá isto também alguma relação com o Pacto Militar?

RESPOSTA — Sim. O sr. Vargas ainda supõe possível vencer a vigilância patriótica do povo e levar à prática o chamado «acôrdo militar» que ratificou apesar da manifesta oposição da maioria esmagadora da nação. Neste terreno também, as insistentes denúncias dos comunistas estão mais uma vez confirmadas. A esquadra ianque aí está e junto com ela os aviões americanos fazem manobras de guerra em toda a nossa costa. Que é isto senão a mais aberta preparação para a guerra e a tentativa evidente de começar o quanto antes a aplicação do referido «acôrdo militar»? Mais do que nunca, o governo dos Estados Unidos quer soldados brasileiros para as suas guerras de agressão e espera que o sr. Vargas, a pretexto de cumprir a palavra empenhada, possa atendê-lo. A ameaça é grande, mas o povo unido tem forças bastantes para reduzir todos os acordos e tratados firmados pelo sr. Vargas a farrapos de papel. É indispensável, porém, que os patriotas mais esclarecidos, que tão vigorosamente lutaram contra a ratificação do «acôrdo militar», intensifiquem agora, ainda mais, a luta contra a sua aplicação. Assim como Vargas não pôde mandar soldados e navios brasileiros para a Coreia, como tanto desejou, se o povo for mobilizado e unido, não poderá jamais o sr. Vargas levar à prática o acôrdo de guerra que assinou com os seus patrões de Washington.

PERGUNTA — Que indica ao povo brasileiro em face da situação atual?

RESPOSTA — O momento exige a união de todos os patriotas. Precisamos salvar o Brasil da guerra e da ruína. Apelo por isso a todos os patriotas brasileiros para que se unam. Dirijo-me não apenas aos operários e camponeses e às pessoas das classes médias, mas a todos os brasileiros, mesmo os mais abastados, que não querem a guerra e desejam o progresso do Brasil. Dirijo-me às mães brasileiras para que salvem a vida de seus filhos. Dirijo-me aos moços que são a esperança da nação e que não podem descer à categoria miserável de mercenários para as aventuras sangrentas dos banqueiros ianques na Coreia ou em qualquer outra parte do mundo. Não podemos permitir que o atual governo arraste nosso país à guerra, que venda o sangue do nosso povo aos incendiários de guerra dos Estados Unidos, nem que continue sua atual política de reação policial crescente, de miséria cada dia maior para todos os trabalhadores e de negociatas vergonhosas. Diante desta situação nenhum patriota pode ficar insensível — unamo-nos todos, contra o atual governo, por um governo que livre nossa Pátria da guerra, da escravização aos Estados Unidos, que estabeleça relações comerciais com todos os países, um governo que assegure a liberdade e que seja capaz de resolver os problemas do povo. Para salvar o Brasil da catástrofe, nós, comunistas, estendemos fraternalmente a mão a todos os patriotas.



Continuemos a luta contra o Acôrdo Militar

Um artigo de Maurício Grabois

(Leia pág. 3)

"PRAVDA" JORNAL DA VERDADE E DO POVO

Reportagem de João Batista

de Lima e Silva (Pág. 5)

Com o presente número voltamos a dedicar toda uma página para as colaborações dos leitores. Abrindo mais espaço para esta importantíssima seção, procuramos dar a devida atenção às justas e insistentes críticas contra o atraso na publicação de muitas cartas, como também encorajamos e necessitamos mesmo de estreitar nosso intercâmbio com o povo trabalhador, para apresentar um jornal melhor.

Ensina a gloriosa «PRAVDA», modelo para a imprensa revolucionária de todo o mundo que «por mais considerável que seja o efetivo de uma redação, qualquer que seja a maestria dos jornalistas, nenhuma redação pode bastar-se a si mesma para realizar aquilo que se espera dos jornais. Esta indicação da «PRAVDA» destaca com vigor toda a importância da correspondência dos leitores.

Esta medida tomada pela direção da VOZ corresponde ao objetivo de dar o maior destaque às contribuições críticas, às informações, correspondências e cartas dos leitores. Isto não significa, entretanto, que essa colaboração ficará limitada ao espaço de uma página única. Não. Deixaremos elementos para reportagens e artigos, para correspondências especiais, etc.

Isso torna necessário, portanto, que todo o povo trabalhador nos envie cartas sobre suas lutas e suas experiências, especialmente cartas que tratem de situações e fatos concretos nesta ou naquela fábrica, em tal ou qual fazenda, fatos vivos que interessem aos trabalhadores e tornem a VOZ cada vez mais conhecida e estimada, ao lado de opiniões sobre as matérias publicadas, perguntas sobre questões políticas e problemas gerais, sugestões, etc.

E' dessa maneira que VOZ OPERÁRIA poderá colocar-se à altura de sua missão.

Recrutar nas grandes empresas

«Há momentos em que a burguesia treme até os alicerces e o seu poder não cai. É preciso que haja um Partido do proletariado bastante forte para tomar o poder e assegurar a vitória da classe operária.

Todos os militantes comunistas que recorrem aos ensinamentos de Stálin se convencem de que precisamos recrutar operários nas principais fábricas, para levar à vitória a luta pela paz e a libertação nacional.

Os ensinamentos de Stálin e do seu discípulo Luiz Carlos Prestes de que precisamos recrutar operários nas principais fábricas e lutar pela aplicação da linha política de nosso Partido no próprio local de trabalho levam-nos a mobilizar os operários na luta pelas suas reivindicações políticas e econômicas.

Stálin também diz que a burguesia lançou fora a bandeira da independência e da soberania nacional e só os comunistas poderão levá-la à vitória.

Só poderemos materializar as palavras de Stálin, recrutando para o Partido e levando as massas a lutar pela paz e a libertação nacional.

Não devemos esconder o Partido aos operários. É necessário recrutar em massa nas grandes empresas. Digamos aos trabalhadores que precisamos aumentar o número de membros do Partido de Prestes para levarmos à vitória os ensinamentos de nosso guia e mestre Stálin, pela conquista de um mundo de paz e felicidade, livre para sempre da exploração do homem pelo homem. (a) A.P. (S. Paulo).

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável:	
JOÃO BATISTA DE LIMA E SILVA	
MATEUS: Av. Rio Grande, 287 - 17º and. - Sala 1713	
SUCURSAL:	
SÃO PAULO	— Rua dos Estudantes, 34, Sala 29; P. ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, 327, Sala 481
RECIFE	— Rua da Palma, 205, Sala 205 — Ed. Sacl
SALVADOR	— Rua João de Deus, 1, Sala 1; FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, 124, Sala 22.
Endereço telegráfico da Matriz e Sucursais:	
VOZPERIA	
ASSINATURAS:	
Anual	60,00
Semestral	30,00
Trimestral	15,00
Nº. Avulso	2,00
Nº. atrasado	2,00
Este Semanário é publicado em SÃO PAULO, RECIFE, FORTALEZA, SALVADOR e RECIFE	

Posta restante

Recebemos colaborações e cartas de seguintes leitores: Carlos Alberto, operário em Santo André; dos Correspondentes de São Paulo, Pelotas e Maringá; de Miguel Santos, Carlos Niebel e João Batista, de São Paulo; de R. A. Neto, de Marília e de Antonio Rodrigues, de Presidente Prudente.

Exploração Desenfreada na «Swift»

«PÉSSIMAS são as condições de trabalho no frigorífico americano «Swift». Na safra são demitidas dezenas de operárias que estão por atingir os onze meses do segundo contrato, a fim de que elas não tenham direito à indenização. O primeiro contrato é de apenas 30 dias, após o que, é assinado o segundo. Durante o tempo desses contratos, são feitos os descontos de API e do imposto sindical, sendo registradas somente

aquelas que aceitam as imposições dos patrões. As operárias, na safra, trabalham de 12 a 14 horas em serviço insalubre, especialmente na triparia. Apenas almoçam sem poder levar lanche e ficam todo este tempo com os pés dentro d'água, molhadas, sem dispor de luvas e botas.

As tinas da triparia descarregam água suja nos pisos do pavilhão por falta de esgotos adequados. Nestes serviços as operárias são

atacadas de reumatismo e quando se queixam são castigadas ou despedidas.

Na seção de matança de aves, o capataz conhecido por «Dr. Marreco», há cerca de seis meses violentou uma menor, sua secretária e, para não se complicar perante as operárias, ainda a despediu. Tal indivíduo persegue as operárias com ameaças e palavras obscenas, faz passar fotografias imorais pelas mãos das operárias para conquistá-las. Muitas têm ido para a rua por não aceitarem as suas propostas desse taradr. Muitos vexames passam as operárias da «Swift» por parte dos mandões da empresa.

Na seção de matança, os homens trabalham na safra como escravos, de 16 a 18 horas por dia, sem receber as horas extras na base de 25 por cento. Trabalham todo esse tempo com um almoco e um cafezinho.

O trabalho é insalubre, os operários pisam na água e no sangue dos animais abatidos. Os que possuem botas, têm-nas rasgadas, porque a direção não fornece outras. Não há o mínimo de higiene. Os patrões mandaram arrancar as torneiras só deixando uma, o que torna difícil lavar-se as mãos e as facas de serviço. As caixas de água quente para desinfetar as facas rão

existem. Embora sendo uma exigência das leis, os fiscais do governo fingem que não vêem essa grave irregularidade. O chefe da matança Henrique Leivas costuma maltratar os operários com palavras de baixo calão.

Ante tantas irregularidades, os trabalhadores da «Swift» lutam. Eles exigem o pagamento das horas extras, melhoramento nos esgotos da triparia e demais seções; cumprimento da legislação trabalhista no que diz respeito à proteção interior das câmaras frigoríficas, com roupas apropriadas, botas e luvas; o registro dos operários quando completam os 30 dias de experiências.

Além disso, os trabalhadores reivindicam um restaurante com preços moderados, vales para a retirada de carne no açougue para serem descontados no fim da quinzena. Os operários da seção de matança exigem armários com fechaduras para guardar suas roupas e chuveiros independentes dos vestiários.

O pessoal dos transportes também tem suas reivindicações que sejam: o pagamento das refeições; que sejam pagas com 25 por cento de acréscimo, as escalas do Interior e as horas extras depois de 9 horas. — (a) V. L. Almeida (S. Paulo)

STÁLIN foi o homem do povo

Tenho um filho com 2 anos e meio de idade a quem ensinei a dizer que Stálin é o homem do povo.

A quem lhe pergunte sobre Stálin, ele responde com perfeição: «Stálin foi o homem do povo». Fico muito satisfeito porque tenho a convicção de que assim ele irá conhecer um mais fácil o que Stálin representou para a humanidade.

Stálin no XIX Congresso do P.C. da União Soviética disse que devemos lutar pela Paz e pela libertação nacional. Stálin interessa-se pela libertação de cada povo.

A política da União Soviética é uma política de Paz. Ela quer manter relações de comércio e de amizade com todos os povos. A Conferência Econômica realizada em Moscou com a participação de dezenas de países, inclusive do Brasil, mostra-nos essa verdade. A URSS ofereceu-se a negociar com nosso país, dando-nos muitas vantagens. Poderemos receber café, algodão, babaçu, etc., por trigo, máquinas, refi-

narias, etc., por preços justos e razoáveis e não como estamos fazendo com os Estados Unidos que nos vendem caro e levam os nossos produtos quase de graça.

Com a União Soviética faremos um intercâmbio de paz. O governo de Getúlio resiste a reatar relações com a Pátria de Stálin favorável ao povo, mas troca os nossos produtos por armamentos, política prejudicial aos interesses dos brasileiros. Não queremos guerra, sim paz, pão barato e bom. Comemos pão péssimo e caro devido também a que Getúlio não mantém relações com a URSS por ordem dos imperialistas norte-americanos.

Contando estes fatos a meu filho a respeito da União Soviética, quando ele crescer verá que Stálin é o homem do povo. Conhecerá com mais profundidade, em que Stálin contribuiu para os povos conquistarem a paz e a libertação nacional, a democracia popular e o Socialismo. Viva Stálin! (a) Paulo Alcântara (S. Paulo)

Lutam os ferroviários da Santos-Jundiaí

A DIREÇÃO da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí está pagando o abono de emergência que estava atrasado.

Na assembleia do dia 3 de maio, grande maioria resolveu dar um prazo de 30 dias para que a ferrovia resol-

vesse quanto ao pagamento do salário-família, direito nosso, líquido e certo, que ela vem negando. Vencida essa etapa, vamos iniciar a luta pela participação nos lucros.

Quando ao caso dos «2 dias» também não nos esqueçamos. O Sindicato já mexeu com os papéis que estavam engavetados nos departamentos do Rio, por ordem da diretoria passada, representada pelos srs. Arnaldo Vagliengo e João Malta de Oliveira, de comum acordo com Renato Feio diretor da Santos-Jundiaí.

Os ferroviários, em grandes assembleias, apoiando a nova diretoria têm conquistado algumas vitórias. Só com a união de todos, com o comparecimento em massa às assembleias é que o Sindicato se torna forte para poder encostar Renato Feio à parede.

Os aposentados também estão lutando pelo abono de emergência que Getúlio vetou, deixando para a Caixa pagar, quando é sabido que ela está vazia, sem dinheiro. O governo retirou dali 60 milhões de cruzeiros, deixando bonus em troca. Os aposentados não se conformaram e passam a apertar o «pai dos pobres». Que ele pague ou reponha o dinheiro na Caixa a fim de que os aposentados sejam pagos.

Estes exigem também que seja aprovado o projeto de lei que concede um abono de 800 cruzeiros para cada

MICHAEL E ROBBIE, O FUTURO É DE VOCÊS

Dia amanheceu chuvoso, o céu cheio de nuvens negras e grossas, como num protesto mudo da natureza contra o monstruoso crime levado a efeito por uma justiça corrupta e venal que, a serviço dos magnatas da guerra, assassinou covarde e friamente na cadeira elétrica o digno casal Rosenberg.

Sim, os senhores da «democracia» que discriminação racial, e promove a perseguição e a matança dos negros, os nojentos massacradores do heróico povo coreano, a seu desespero e ódio, pensaram que destruindo o inocente e heróico casal, destruiriam o que existe de mais puro e nobre na Terra de Lincoln e Roosevelt, como seja, o pensamento do progresso e da paz. Como se enganam esses mandatários de um regime em agonia, de um regime que ensaia sufocar idéias pelo terror, com assassinio pela cadeira elétrica.

Como se enganam! Julius e Ethel caminharam para a morte heroicos, admiráveis, como só pode ser quem está inocente e tem por pensamento a verdade. Não, eles continuam vivos em nossas mentes e essa verdade pela qual eles gloriosamente morreram, essa verdade tão teida pelos que os assassinaram está escrita numa bandeira em letras de fogo e erguida no mundo inteiro nas mãos de milhões de seres humanos amantes do progresso e da paz. Nesta bandeira, símbolo de inocência e da verdade está também escrito o heróico nome dos ROSENBERG. Com os frios e maus homens da bomba atômica e da cadeira elétrica, daquela bom-

ba atômica covarde e friamente jogada em Hiroshima e Nagasaki, não quiseram pensar em Michael e Robbie. Eles nunca pensam nas crianças do mundo, nos milhares de órfãos e mortos da Coreia, do Viet-Nam e de outras partes do mundo. Não, não podem pensar. Eles só pensam nos seus lucros fabulosos com as guerras que matam os pais das criancinhas nos seus métodos terroristas com que liquidam os inocentes e ameaçam a humanidade democrática e progressista.

Michael e Robbie, o futuro é de vocês, um futuro onde a democracia seja respeitada, onde não haja mais cadeira elétrica, nem bombas de napalm e microbimas e em que a energia atômica seja empregada para fins exclusivamente pacíficos. Enfim, um futuro em que os homens tenham o direito de ter suas idéias, suas religiões e filosofias e que as mesmas sejam aproveitadas em benefício da humanidade e não coarçadas pelos braços de homens obscurantistas que tratam impedir a marcha da história.

Michael e Robbie, caros meninos, os povos choram com vocês. A dor é grande, é imensa, sabemos, mas está próximo o dia em que o mundo será cheio de alegria, amizade e de paz, no qual todas as crianças terão direito de viver com seus pais, sem ameaças de cadeira elétrica que os arranhem do caminho dos filhos.

Os povos dentro em breve julgarão os bárbaros carrascos! — (a) LENA ELYCIE (Distrito Federal)

CONTINUEMOS A LUTA CONTRA O ACÓRDO MILITAR

Maurício GRABOIS

Em portos nacionais está ancorada a poderosa

esquadra norte-americana. Entre as baterias que compõem esta esquadra de guerra encontram-se encouraçados que, ainda há pouco, bombardeavam a Coréia, massacrando sem piedade populações civis.

A presença dessa esquadra do imperialismo norte-americano em águas brasileiras é um dos mais ultrajantes atentados à soberania nacional. Os barcos de guerra lanques vêm de realizar manobras combinadas com a marinha do Brasil com o fim de exercitar nossos marujos em operações navais agressivas. Os almirantes do dólar não se limitaram, no entanto, aos exercícios para a agressão a povos livres e pacíficos. Levaram a cabo treinamentos de invasão e ocupação do Brasil, plano alimentado pelos magnatas ianques em face da luta do povo brasileiro que não quer ser arrastado a uma guerra injusta, nem está disposto a se deixar escravizar e explorar pelos monopólios dos Estados Unidos.

Não são esses os únicos objetivos da presença da esquadra ianque em nossa terra. A acintosa ostentação de forças em portos brasileiros é parte de um conjunto de medidas que estão sendo tomadas pelos círculos governantes norte-americanos para executar o Acórdo Militar Brasil-Estados Unidos.

Antes desta esquadra aportar no Rio de Janeiro e em Santos outras providências tomou o imperialismo ianque a fim de pôr em prática o Acórdo Militar. Com tal finalidade chegou ao Brasil uma comissão de oficiais de alta patente do exército norte-americano, chefiada pelo general Timmer. A mesma missão veio desempenhar em nosso país o general Vandenberg, conhecido provocador de guerra e chefe do Estado-Maior de aviação militar dos Estados Unidos.

Todos esses atos atentatórios à independência nacional confirmam as denúncias das forças patrióticas de que o Acórdo Militar é um tratado de guerra e um estatuto de colonização.

A ratificação do Acórdo Militar pelo Congresso Nacional revelou aos brasileiros que os latifundiários e os grandes capitalistas conduzem o país no caminho da colonização total aos Estados Unidos.

Para pôr em prática o Acórdo Militar, o governo de Vargas e os generais fascistas que o cercam voltaram com fúria crescente contra todos os patriotas que se erguem contra a execução

dêsse tratado de escravização.

O Conselho de Segurança Nacional, órgão fascista, ditadamente subordinado à presidência da República, tornou público, com a aprovação expressa do sr. Vargas, um dos mais abjetos documentos de nossa história. Ameaçando com severas punições os oficiais e generais patriotas que se colocaram ao lado do Brasil contra o Acórdo Militar, o governo de Vargas atingiu ao cúmulo da degradação e da subserviência aos imperialistas norte-americanos. Para esse governo laccio é necessário castigar todos os que lutam contra a execução do Acórdo Militar. O governo de Vargas considera crime defender o povo brasileiro da voracidade dos imperialistas ianques.

A promulgação do Acórdo Militar foi um dos mais vergonhosos atos já realizados por qualquer governo brasileiro. A assinatura e a ratificação dêsse aviltante tratado são um atestado da venalidade e da ausência de qualquer resquício de patriotismo nos latifundiários e na burguesia ligada ao imperialismo.

No mesmo dia em que no Brasil era promulgado o Acórdo Militar, nos Estados Unidos, o sr. Amaral Peixoto, em nome do governo de Vargas, de chapéu na mão, assistia à cerimônia de assinatura do Leonino e humilhante empréstimo de 300 milhões de dólares. Era a recompensa pela traição, o produto ignominioso da venda da soberania nacional e do sangue da juventude brasileira.

A ratificação do Acórdo Militar mostrou que o governo de Vargas executa no país as ordens dos monopolistas ianques. O governo de Vargas apelou para os mais ignóbeis recursos para ratificar o estatuto colonizador que assinara. Desencadeou uma onda de violências, espancou e encarcerou centenas de patriotas. O povo brasileiro pode constatar mais uma vez que as classes dominantes e o governo que as representa perderam todo o sentimento nacional, fraem os interesses da pátria.

Esta traição do governo de Vargas chegou a tal limite, é tão cínic e chocante, que um jornal reacionário como o «Correio da Manhã» se vê obrigado a afirmar:

«Com o mito da ajuda econômica, os Estados Unidos, lograram obter do Brasil todas as facilidades de que careciam. Para o Pentágono, um tratado de aliança militar, distorçado em ajuda

militar (sempre a tática da ajuda). Para o big business a lei do câmbio livre.»

Esta afirmação de um dos mais categorizados jornais das forças reacionárias, portanto insuspeito, comprova que o Acórdo Militar é um tratado para a guerra e de subjugação econômica do Brasil.

A ratificação do Acórdo Militar arrancou a máscara «nacionalista» do governo de Vargas e pôs a nu o caráter antinacional dos partidos das classes dominantes. O PSD, UDN, PTB, PSP e outros partidos menores colocaram-se abertamente a favor do Acórdo Militar. A UDN, proclamando-se hipocritamente partido de oposição, apoiou inteiramente o governo de Vargas e acabou por colocar o porta-estandarte de sua estafardada bandeira — o brigadeiro Eduardo Gomes — na chefia da comissão que no Brasil vai pôr em prática, sob o controle dos militaristas norte-americanos, o aviltante acórdo.

A promulgação do Acórdo Militar veio, assim, aumentar o ódio das massas populares ao imperialismo ianque e aos seus lacaios internos. Contra a aprovação do Acórdo Militar levantaram-se os mais amolos setores da população brasileira, desde a classe operária e as massas camponesas até comerciantes, industriais e agricultores. Formou-se uma poderosa e ampla frente patriótica de luta contra esta carta de escravização.

A luta contra o Acórdo Militar tornou-se, assim, uma luta das grandes massas. O grande movimento nacional que se iniciou em todo o país repercutiu dentro do próprio parlamento, onde, devido à pressão e à vigilância popular, mais de quarenta deputados e uma dezena de senadores votaram contra o Acórdo Militar.

A transformação em lei dêsse tratado de guerra e colonização despertou ainda mais o ódio do povo contra os opressores ianques. É necessário agora impedir a execução do Acórdo Militar e exigir a sua denúncia. Pugnar por esse objetivo é defender a paz e a independência nacional, é avançar na organização da frente de todas as forças patrióticas e anti-imperialistas. Prosseguir no combate ao Acórdo Militar é golpear a política de guerra, fome e perseguições do governo de Vargas. É uma forma de lutar por um poder efetivamente democrático e de libertação nacional que assegure a paz e a felicidade para o povo brasileiro.

EDITORIAL

Asseguremos a vitória da campanha mundial em prol de negociações

Acaba de ser lançada pelo Conselho Mundial da Paz, por iniciativa da delegação da Índia na recente reunião de Budapeste, uma campanha mundial em prol de negociações, para que prevaleça o espírito de entendimento e os problemas sejam discutidos e resolvidos em torno de uma mesa e não por meio dos canhões e dos bombardeios atômicos.

Essa campanha vem ao encontro da mais ardente aspiração de todos os povos e é recebida com alegria e entusiasmo pelo povo brasileiro. Ela é lançada num momento em que, dos mais diversos setores de atividade, do seio de amplos círculos em todas as camadas sociais de nosso povo, se levantam vozes para reclamar medidas e iniciativas que impliquem necessariamente na coexistência pacífica entre os sistemas políticos e econômicos diferentes.

Expressão dêste profundo desejo de paz é a solidariedade ao bravo e heróico povo coreano e o apoio dos brasileiros às iniciativas da União Soviética e às propostas práticas sino-coreanas pela mais rápida conclusão do armistício que porá fim à luta sangrenta na Coreia. A luta pela paz na Coreia, pela cessação das guerras em curso, pela solução dos problemas mundiais em litígio está inseparavelmente ligada à luta travada pela esmagadora maioria da nação contra a aplicação do infame acórdo militar. Esse acórdo com o governo dos milionários americanos abre as portas do país a «visitas» insultuosas da marinha de guerra, como agora se verifica, como um treino de ocupação permanente de nosso território; facilita ao máximo a penetração dos monopólios que exploram o trabalho dos brasileiros e roubam as riquezas naturais de nossa terra; determina o aumento incessante das despesas militares, fazendo aumentar os impostos e agravando assim, dia a dia, a carestia da vida. A luta pela coexistência pacífica é a luta que, uma vez vitoriosa, ajudará decisivamente a conseguir a denúncia desse pacto de colonização e guerra, a conquistar dias melhores para o nosso povo.

A exigência dos povos para que sejam reconhecidos os direitos da China na ONU e sejam respeitadas as aspirações do povo alemão a uma pátria unificada, livre, democrática e pacífica, bem como todos os apelos a um livre intercâmbio cultural e comercial entre todos os povos, sem distinção, vêm

inteiramente ao encontro dos interesses nacionais de nosso povo. Não existe a menor dúvida de que as manifestações da I Reunião da Indústria, realizada em São Paulo, e da Assembleia Legislativa de Pernambuco, no sentido de ampliar as relações comerciais do Brasil e nelas incluir nações que, atualmente, não mantêm relações com nosso país, vêm ao encontro do movimento popular e patriótico pelo restabelecimento de relações com a URSS. Esse movimento só pode beneficiar-se e ganhar impulso com o desenvolvimento da campanha mundial em prol de negociações. São fatos que demonstram a existência das mais favoráveis condições para uma considerável ampliação das forças da paz no Brasil.

A resolução do Conselho Mundial da Paz toma na mais alta conta a luta dos povos pela preservação da sua independência posta em perigo pelas forças que naquinam a favor da guerra. Nesta altura dos acontecimentos, todas as pessoas honestas podem constatar com facilidade que os governos a serviço da guerra sacrificam a soberania nacional. Coube mesmo ao conhecido vendepátria João Neves da Fontoura, negociador do acórdo militar em nome de Getúlio Vargas, expor claramente a «teoria» própria de escravos do estrangeiro que êle definiu como de «alienação da soberania nacional». A preparação da guerra é inseparável da colonização e espoliação dos povos. Por isso mesmo, a resolução do C.M.P. declara que «a menor medida contra qualquer movimento nacional libertador constitui motivo de tensão internacional e pode criar um foco de guerra».

Eis a razão pela qual nós, comunistas, que formamos na vanguarda dos que lutam pela causa sagrada da libertação nacional de nossa pátria, bem como todas as forças patrióticas que compreendem que a solução dos problemas de nossa terra exige a derrubada do jugo dos monopólios imperialistas, emprestamos o mais caloroso apoio à campanha mundial em prol de negociações. E consideramos nosso dever de honra não só divulgar intensamente essa resolução, mas também dar todo o apoio às iniciativas e empreendimentos do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz para assegurar o mais completo êxito, em nossa pátria, da campanha mundial em prol de negociações.

A BANDEIRA DO 5 DE JULHO NAS MÃOS DA CLASSE OPERÁRIA

5 de Julho tornou-se há muito uma data significativa para as lutas de nosso povo pela libertação nacional e social. Após o 5 de Julho de 1922, assinalado por um movimento de protesto contra a prepotência e a corrupção do governo da época, na mesma data, em 1924, um novo movimento, mais vigoroso, resultou na marcha da Coluna Invicta, façanha militar gloriosa e sem precedentes em nosso continente que revelou ao mundo um chefe popular do porte de Luiz Carlos Prestes.

Mais tarde, o camarada Prestes escolheria a mesma data para lançar o famoso Manifesto-Programa da Aliança Nacional Libertadora, como presidente de honra dessa organização de massas, liderada pelo Partido Comunista, já então sob o comando de seu grande chefe: Luiz Carlos Prestes. O documento de 5 de Julho de 1935 marcou o rumo da revolução brasileira contra o imperialismo e os restos feudais. O apelo de Prestes empolgou o povo e a campanha da ANL resultou no heróico levante de Novembro de 1935, grito de protesto contra a ascensão do fascismo em nossa pátria e brado de revolta contra a opressão de nosso povo pelos exploradores imperialistas e seus aliados e agentes no país.

Pão, Terra e Liberdade!

Este o lema da ANL que sintetizou as aspirações de nosso povo por uma vida melhor. Ainda hoje, nas novas condições criadas pelas vitórias do socialismo no mundo, nosso povo luta por aquelas grandes reivindicações contidas no Manifesto de 5 de Julho de 1935. Importantes modificações se deram no mundo, a luta pela Paz se apresentou como uma questão central para todos os povos, mas a bandeira da ANL permanece viva em mãos das grandes massas, que lutam com uma nova compreensão das coisas e uma experiência enormemente enriquecida, mas sob a mesma direção do glorioso Partido Comunista do Brasil e sob o comando do mesmo chefe provado, que só fez crescer no amor e na dedicação de seu povo: Luiz Carlos Prestes.

Neste 5 de Julho, os comunistas, cada vez mais ligados às grandes massas e unidos a todos os patriotas, erguem com redobrado vigor a bandeira da libertação nacional do país do jugo dos trustes escravizadores dos Estados Unidos. Recolhendo a herança dos heróicos movimentos do passado, milhões de brasileiros unem-se em todo o país em prol das liberdades democráticas, espezinhadas pelo fascismo nazi-ianque e seus lacaios do governo de Getúlio. Os trabalhadores passam a ações de

grande envergadura por suas reivindicações. Mais do que nunca, sentem as Grandes massas do povo brasileiro que é preciso pôr um fim a este governo de exploradores, governo de latifundiários e serviais do imperialismo. Dia a dia, nosso povo ganha a consciência mais nítida de que é preciso lutar por um novo poder, realmente democrático e popular, capaz de assegurar a Paz e a independência nacional, o bem-estar, e o progresso de país. Por isso, o 5 de Julho é hoje uma jornada de luta pela Paz, por Pão, Terra e Liberdade.

AOS LEITORES DE «PROBLEMAS»

Estando totalmente esgotados os números 1, 2 e 3 de «Problemas» e necessitando a administração desta revista completar suas coleções e seus arquivos, lançamos um apelo aos nossos leitores para que nos vendam ou cedam, enviando ou trazendo a esta redação, os exemplares de que possam dispor dos aludidos números. Agradecemos.

Vitor M. Konder
Av. Rio Branco, 257,
6.º andar, sala 615
Rio, D. Federal.

PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE OS INFORMES DE PRESTES E ARRUDA

A BURGUESIA NACIONAL E OS GRANDES CAPITALISTAS

NO número 214 temos resposta à primeira parte da pergunta do leitor Bruno da Rocha, de Petrópolis, sobre se havia diferença, na questão de frente única, entre o que diz o Informe de Abril do camarada Prestes e os documentos anteriores do Partido. Hoje, respondemos à segunda parte da pergunta do mesmo leitor.

PERGUNTA — Por que motivo o camarada Prestes faz diferença entre a burguesia nacional e os grandes capitalistas?

RESPOSTA — O camarada Prestes, realmente, assinala uma diferença entre a burguesia nacional e os grandes capitalistas. Desse modo o camarada Prestes aplica, nas condições nacionais, os geniais ensinamentos de Stálin sobre a diferença entre a revolução nos países imperialistas, nos países que oprimem outros povos, e a revolução nos países coloniais e dependentes, que sofrem a opressão do imperialismo. Quanto aos países imperialistas — diz Stálin — neles a burguesia é contra-revolucionária em todas as etapas da revolução; nos países dependentes, porém, a opressão imperialista afeta também a burguesia nacional e faz com que ela, em determinada etapa e durante certo período, possa apoiar o movimento revolucionário contra o imperialismo. «Não fazer essa distinção — observa Stálin — não compreender essa diferença, identificar a revolução nos países imperialistas com a revolução nos países coloniais, tudo isso significa desviar-se do caminho marxista, do caminho leninista.» Em que consiste, em nosso país, a diferença entre a bur-

guesia nacional e os grandes capitalistas?

A burguesia nacional é aquela parte da burguesia que, embora vacilante, pode ser ganha para Frente Democrática e Libertação Nacional, porque ela sofre também as nefastas consequências da dominação imperialista sobre o nosso país. Os monopólios lanques esmagam a indústria brasileira, procuram liquidá-la ou absorvê-la, impedem a aquisição de maquinaria e outros materiais destinados ao desenvolvimento da economia nacional, além de não permitirem a ampliação do nosso comércio exterior, impedindo que o Brasil mantenha relações normais com o poderoso mercado formado pela URSS e as democracias populares.

Por outro lado, o monopólio da terra, exercido por uma minoria de latifundiários, assim como a política de governo de Vargas, de aumento dos impostos indiretos, de inflação, de enormes despesas militares provoca uma incessante diminuição do nível de vida das massas.

Como é evidente, tal situação contraria os interesses da burguesia nacional, dos pequenos e médios industriais, comerciantes e agricultores, levando-os a participar da ampla frente democrática e patriótica que luta contra a dominação do Brasil pelo imperialismo norte-americano e contra a política de traição nacional que realiza o governo de Vargas.

Os grandes capitalistas formam a outra parte da burguesia, isto é, a grande burguesia. Eles constituem, ao lado dos latifundiários, a base em que se apoiam os imperialistas americanos para oprimir o nosso país. Os seus interesses

estão ligados inseparavelmente aos dos monopólios lanques de quem não passam de socios menores na sinistra empreitada da pilhagem sistemática do nosso povo. Dois terços dos capitais empregados nos setores básicos da economia nacional se encontram nas mãos dos banqueiros estrangeiros, principalmente norte-americanos.

Os grandes capitalistas não têm nenhum interesse no progresso do país, mas apenas, como socios dos monopólios americanos, como grandes industriais e negociantes, têm interesse em explorar mais ainda os trabalhadores e o nosso povo, em participar das sociedades de economia mista americana, em obter empréstimos lesivos à Nação e, por fim, na preparação e desencadeamento de uma nova guerra, «a fim de vender aos países beligerantes mercadorias a preços exorbitantes e ganhar milhões nesse negócio sangrento». (Stálin).

A grande burguesia, portanto, está interessada em manter o atual regime, sustentar a política de traição nacional, de guerra, fome e opressão do governo de Vargas — é uma força contra-revolucionária.

Por isso é que o camarada Prestes faz uma nítida distinção entre os grandes capitalistas e a burguesia nacional. Enquanto os grandes capitalistas, juntamente com os latifundiários — força de que o governo de Vargas é a expressão política — terão que ser isolados e derrotados, a burguesia nacional terá que ser ganha para a Frente Democrática de Libertação Nacional que, sob a direção da classe operária, guiada pelo Partido Comunista do Brasil, levará o povo brasileiro à conquista da paz, da independência nacional, da liberdade e do bem-estar.



ENCERBOU-SE VITORIOSAMENTE, em 28 de junho último, o II Festival Brasileiro da Juventude, após 9 dias de brilhantes festividades compreendendo: torneios desportivos, exposição de artes plásticas, noites de arte popular das quais damos acima um aspecto, plecticos e passeios pelos locais pitorescos da cidade. Mais de 150 jovens vieram do R. G. do Sul, Goiás, São Paulo, Minas Gerais, e outros Estados, confraternizar com seus companheiros do Distrito Federal, num ambiente de grande camaradagem. Em várias oportunidades os jovens demonstraram seu desejo de Paz, condenando as guerras que só servem para roubar-lhes os momentos preciosos de suas vidas. A mensagem que mais de 2 mil participantes enviaram ao próximo Festival Mundial da Juventude, exprimindo o desejo dos jovens brasileiros de que as 5 grandes potências se reunam para concluir um Pacto de Paz, é a prova mais evidente de que a nossa juventude, tal como a dos outros países, condensa os incendiários de guerras. Mais de 100 rapazes e moças do Brasil aguardam ansiosos pelo momento de participar do IV Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes pela Paz e Amizade, que se realizará em Bucareste de 2 a 17 de agosto, quando levarão o fraternal abraço dos milhões de jovens brasileiros aos seus irmãos do mundo inteiro.

Preparativos do Congresso Sindical Mundial

Estão em desenvolvimento os preparativos para a realização do III Congresso Sindical Mundial, em Viena, de 10 a 21 de outubro do corrente ano:

Reuniram-se em Viena os secretários das Uniãoes Internacionais de Sindicatos (Departamentos profissionais da FSM), para examinar a contribuição das Uniãoes para a preparação do III Congresso Sindical Mundial.

Reuniu-se a 22ª sessão do Biro Executivo da Federação Sindical Mundial. Foram discutidos problemas relacionados com a Paz mundial e a realização do III Congresso. Foi eleito na qualidade de Secretário da F.S.M., Liu Tchong Sheng, proposto pela Federação Pan-Chinesa do Trabalho. A 25ª sessão será realizada em Agosto.

No Brasil, o Manifesto de

apoio ao Congresso já conta com a adesão de mais de 100 líderes dos trabalhadores, dentre os quais, os seguintes: de SÃO PAULO: Wandick de Freitas, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais, Milton Marcondes, presidente do Sindicato dos Bancários, Romualdo de Oliveira presidente do Sindicato dos Enfermeiros; de FEDERAL: Jocelin Santos, da ABL Rui Guimarães, do Sindicato dos Hoteleiros, Odílio Borge, do Sindicato dos sapateiros; de BELO HORIZONTE: Zênio veloso, presidente do sindicato dos músicos profissionais, Armando Ziller, membro da Comissão Executiva da Comissão Permanente dos Bancários; da BAHIA:

José Barroso dos Santos, do Sindicato dos Padeiros, Manoel de Araújo, do Sindicato dos Empregadores no Comércio, Lindolfo Ferreira, vice-presidente da Federação dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais; do ESPÍRITO SANTO: José Santana, Secretário do Sindicato dos Trabalhadores em Energia Elétrica, etc.

Prossegue em inúmeros Estados a organização das Comissões com o objetivo de apoiar o envio de delegados ao Congresso Sindical Mundial.

Realizou-se nesta Capital, em junho último, uma Conferência pronunciada pela jornalista Maria da Graça, sobre a importância do III Congresso Sindical Mundial.

SÔBRE UMA CITAÇÃO NO INFORME DO CAMARADA ARRUDA

ESCREVE-NOS o leitor A. A. Arruda, de S. Paulo, fazendo a seguinte pergunta:

«Por que no informe do camarada Arruda está citada a frase: «como Cristo sobre as águas?»

RESPOSTA — A frase «como Cristo sobre as águas» é citada por Stálin no artigo sobre «A crise no Partido e as nossas tarefas» («Obras», 2º volume, pág. 149 — Editorial

Vitória). Em seu informe, o camarada Arruda reproduz a citação feita por Stálin.

Esta frase é empregada num sentido figurado, para mostrar que os operários, no Partido, adquirem experiência e se tornam dirigentes capazes de enfrentar e vencer as dificuldades. Tropeçando, embora, no começo, os operários ao adquirirem no Partido experiência e conhecimentos,

passam a marchar com segurança, superam qualquer obstáculo. Ao utilizar como exemplo esse episódio da lenda cristã, Stálin quis apenas ilustrar melhor seu pensamento com uma imagem conhecida de todos.

A utilização de imagens, exemplos e episódios para dar maior clareza ao pensamento é uma das características da propaganda e da agitação dos mestres do comunismo.

CRÔNICA INTERNACIONAL

DESESPÊRO FASCISTA DOS INCENDIÁRIOS DE GUERRA

Três episódios característicos assinalaram há pouco o desespero crescente dos imperialistas e seu renovado furor, à medida que vão sendo isolados pela grande frente dos povos que defendem a paz e o progresso: a tentativa de «putsch» em Berlim; o assassinato hediondo dos Rosenberg e as sórdidas violações dos acordos sobre prisioneiros, na Coreia.

Atirando sobre a Alemanha democrática os sabotadores nazistas e seus espírios de profissão, as autoridades norte-americanas cuidaram lançar o país numa guerra civil que, nas circunstâncias presentes, colocaria o mundo a um passo da guerra geral. Embora tais planos tenham sido desfeitos de modo fulminante, todo o desenvolvimento posterior dos acontecimentos mostra que, insistentemente os incendiários de guerra em imprimir à situação alemã um rumo cada vez mais perigoso. Daí que, imediatamente após seu fracassado golpe de mão sobre Berlim, os Estados Unidos, a Inglaterra e a França tenham dirigido ao governo soviético nova nota diplomática sobre o problema alemão, na qual reiteram como base exclusiva de quaisquer negociações os mesmos pontos anteriormente apresentados por elas e que tiveram de ser oportunamente recusados pela U.R.S.S., em vista de serem contrários aos

interesses do povo alemão e violarem os acordos de Potsdam. Segundo insuspeitos jornalistas da própria burguesia, o novo memorandum anglo-franco-americano destinou-se, fundamentalmente, a impedir que alguma nova proposta soviética abrisse o caminho de amplas negociações.

Enquanto tais fatos se passavam na Alemanha, consumava-se em Sing-Sing a revoltante execução de Julius e Ethel Rosenberg, exemplos imperecíveis de honradez e de amor à verdade. Esse assassinato visou a amedrontar as pessoas simples dos Estados Unidos que lutam pela paz e o entendimento entre os povos, e constitui mais uma prova de que o fascismo americano, instalado no Poder, não vacilará diante de nenhuma torpeza para esmagar as liberdades civis do próprio povo norte-americano a fim de poder empenhar-se ainda mais em seu caminho de agressão aos povos.

Na Ásia, iniciou-se o quarto ano de guerra coreana sem que fosse assinado o armistício. O comando norte-americano que

empenhou sua palavra na execução do acordo sobre prisioneiros, dirige seu agente Singman Ri na violação dos princípios em que livremente assentiu. Em lugar de ordenar medidas práticas destinadas a garantir a execução dos acordos, o governo lanque representa a farsa das «negociações» com o «presidente» sul-coreano e Mark Clark têm o cinismo de sugerir a assinatura do armistício sem aceitar, porém, qualquer compromisso de fazê-lo cumprir.

Essas sangüinárias tentativas dos trustes para assumirem a iniciativa no campo internacional e fugirem ao seu isolamento redondo, porém, em última análise em novos e estrondosos fracassos. O martírio dos Rosenberg fez com que mesmo pessoas que até agora ainda acreditavam na propaganda democrática americana e na imparcialidade de sua «justiça» pudessem ver a verdadeira face dos donos dos trustes e despertarem para a defesa da paz e do progresso. O claro deixado pelos dois Rosenberg nas fileiras da democracia está sendo preenchido por

milhares e milhares de pessoas simples que se unem contra a ameaça fascista.

Os novos atentados à paz na Coreia, por outro lado, tornam ainda mais traca a base política sobre a qual se apoiam os agressores da «O.N.U.» e aprofundam ainda mais o fosso que os separa dos povos. Não se pode negar também que o fiasco dos atentados em Berlim, contrastando com a solidez de que deu provas a jovem República Democrática Alemã e com a serenidade das autoridades soviéticas, demonstra desprestígio político, apesar de toda a propaganda de seus arautos. Se os imperialistas tudo fazem para impedir negociações com a URSS sobre o problema alemão é justamente porque sabem que sua base popular é instável, pois assenta na divisão do país e no apoio às forças mais reacionárias do antigo Reich.

Batidos, dia a dia, nos campos político, ideológico, econômico e militar, os trustes norte-americanos e os homens que eles manipulam fazem as mais desvairadas tentativas para sair do atoleiro em que foram lançados.

Aguarda-os porém uma nova sucessão de derrotas, impostas pelos povos cada vez mais unidos em torno da bandeira da paz e do progresso social que é alçada pelas mãos firmes da União Soviética.

"PRAVDA," JORNAL DA VERDADE E DO POVO

UMA VISITA AO COMBINADO GRÁFICO — COMO SE FAZ O MAIS LIDO E O MAIS INFLUENTE JORNAL DO MUNDO — UM CORPO DE REDADORES E MILHÕES DE LEITORES TRABALHANDO EM CONJUNTO — UM JORNAL QUE NUNCA FOI DESMENTIDO

Reportagem de JOÃO BATISTA DE LIMA E SILVA

Como jornalista, havia pedido aos nossos hóspedes soviéticos — o pessoal da VOXS — uma visita à redação da Pravda. Esperava, sem dúvida, ver um grande jornal. Não contava, porém, me encontrar, como me encontrei, quando um dos nossos intérpretes me conduziu ao «combinado Pravda», dentro de gigantesca empresa que ocupa uma área de dois quarteirões.

O COMBINADO «PRAVDA»

O edifício principal é um prédio de oito andares, em forma de U. Estende-se por toda uma quadra. Ali se encontram instaladas a redação, as oficinas, os diversos escritórios da empresa. Em frente, no outro lado da rua, está um conjunto de edifícios: o Clube de Cultura, o Restaurante, os blocos de apartamentos dos jornalistas, gráfi-

cos e funcionários da «Pravda».

Como todas as grandes empresas soviéticas, o Combinado forma uma unidade arquitetônica dentro do plano geral da cidade. Todos os seus edifícios, construídos em concreto, mantêm uma combinação de linhas e cores harmônicas.

OS ESCRITÓRIOS

Internamente, é admirável: salas amplíssimas, arejadas, extraordinariamente limpas, muitas delas estão forradas de tapetes. Todos os lances de escadas são também tapetados. Quer escritórios, quer na redação ou nas oficinas não se vê, pelo chão, um fragmento de papel.

Uma jovem funcionária de portaria nos conduziu ao escritório do vice-redator chefe.

Ali nos aguardavam dois jornalistas da «Pravda» um homem ainda jovem, louro e um senhor idoso. Eram, respectivamente, o chefe do departamento da América Latina, da seção de Política Internacional e o chefe da Seção de Cartas. Punham-se à nossa disposição para informar sobre o trabalho no jornal.

TRABALHO COLETIVO

Como se trabalha na «Pravda»? Como se faz este magnífico jornal, padrão para a imprensa revolucionária de todo o mundo e um dos mais influentes fatores de desenvolvimento da vida soviética?

Os camaradas atenderam à nossa curiosidade.

«Pravda» é dirigido por um Colégio de Redação. Seu principal responsável é o redator-chefe. Diariamente reúne-se todo o Colégio de Redação (do qual participam os dirigentes

dos 20 Departamentos do jornal) e discutem os assuntos principais a ser encarados naquele dia. Todas as questões que se colocam diante dos redadores são resolvidas coletivamente, através de discussões. A opinião de «Pravda» é sempre o fruto da análise séria e responsável dos problemas em foco, da troca de opiniões entre os seus redadores. Esta é uma das causas da confiança que inspira a seus milhões de leitores.

CORRESPONDENTES E COLABORADORES

As discussões continuam nos Departamentos da Redação. Nenhuma matéria, por mais simples que pareça, deixa de ser discutida — se não por todos os redadores da seção, pelo menos por dois ou três.

A redação de «Pravda» é constituída por perto de uma centena de jornalistas. Mas esta é a redação «fixa». Na verdade, «Pravda» é feito com o concurso de milhares de

pessoas. Além de seus correspondentes especializados que se encontram espalhados por todas as Repúblicas Soviéticas e por vários países estrangeiros, o jornal possui correspondentes em todas as grandes empresas da cidade e dos campos soviéticos. Os mais famosos artistas, escritores e cientistas da U. R. S. S., estão incluídos no corpo de colaboradores da «Pravda».

UM JORNAL DO POVO

Nenhum jornal do mundo mantém tão estreito contacto com a massa de seus leitores como «Pravda». Os corres-

pondentes das fábricas, dos colcozes, dos bairros e cidades a põem em contacto permanente com todos os pro-

blemas do povo soviético. Mas o jornal conta, além disso, com o afluxo diário das cartas de seus leitores. Mensalmente recebe, em média, 10.000 cartas.

Para cuidar dessa correspondência «Pravda» mantém um Departamento especializado, no qual trabalham 60 pessoas. Todas as cartas são lidas, classificadas e distribuídas, conforme o assunto que tratam, às diversas seções do jornal. Evidentemente, nem todas as cartas merecem publicação. Muitas tratam, por exemplo, de problemas individuais dos leitores, sem interesse geral. Mas, ainda assim, todas as cartas que chegam a «Pravda» seguem o seu destino. Se a carta levanta um problema que pode ser resolvido por uma determinada repartição do Estado, é encaminhada à mesma com um apelo da direção do jornal para que o resolva com urgência. É preciso dizer que milhares desses problemas têm sido assim resolvidos através da Pravda.

O jornal costuma, também, responder a todas as cartas que recebe e que não mereceram publicação. Quando um certo número de cartas levanta

tam a mesma questão, baseadas nelas, a redação prepara artigos ou reportagens comentando o problema apresentado.

As cartas servem também de base para auxiliar o jornal a tomar posição correta diante de certos assuntos. Contaram-me que recentemente se travou forte discussão respeito de uma peça teatral representada em Moscou. A própria «Pravda» tomou posição. Mas, diante de mais de 1.000 cartas que recebeu de leitores, teve de corrigir opinião de sua crítica especializada. A peça despertou públicas reações que, o melhor crítico teatral, individualmente seria incapaz de terminar.

No Departamento de Cartas «Pravda» mantém, ainda, uma seção de recepção, e carregada de atender aos leitores que desejam se dirigir pessoalmente ao jornal e não por correspondência. As questões e observações formuladas por essas pessoas são, no mesmo modo que as cartas anotadas, e estudadas. Para todos os problemas dos leitores a «Pravda» dá uma satisfação.

OS LEITORES ORIENTADOS

Em todas as cidades os correspondentes da «Pravda» vivem em contacto permanente com os leitores. Diariamente percorrem fábricas, colcozes, instituições do Estado para conversar com as pessoas que

lêem a «Pravda» e indagadas quais os assuntos que desejam ver tratados pelo jornal. Assim, diariamente «Pravda» recebe milhares de sugestões dos leitores para seu plano de trabalho.

JORNAL DE VERDADE

Outra característica da «Pravda» é um jornal que nunca foi desmentido. Todos os dados e notícias que apresentam são rigorosamente controlados. Se, por exemplo, um leitor envia ao jornal uma comunicação interessante, o jornal antes de publicá-la, manda ao local um redator qualificado para apurar sua veracidade.

Na redação funciona um corpo de revisores de originais, cuja missão é controlar a exatidão dos dados estatísticos, dos fatos, dos nomes de pessoas e cidades citadas nas matérias a serem publicadas. Para isso trabalham com o auxílio de um arquivo que, segundo a opinião de jornalistas de todos os países que já o visitaram, é o maior e melhor organizado arquivo de jornal do mundo.

Tudo isso explica porque a «Pravda», com uma tiragem de 20 milhões de exemplares — a maior de todo o mundo — esgota-se imediatamente nas bancas poucas horas depois de lançado à circulação.

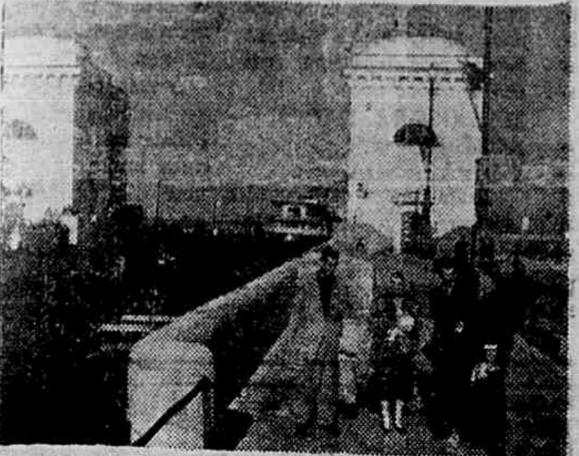
DEMOCRACIA POPULAR

— semanário de atualidade política —
— CIRCULA ÀS TERÇAS-FEIRAS —

Rio, 4-7-1953 — VOZ OPERÁRIA ★ Pág. 5



O jornalista João Batista de Lima e Silva, numa rua de Stalingrado, recebe a homenagem de um grupo de pioneiros. Vê-se, também, o escritor Miécio Tutti. As crianças soviéticas, basta saber que se trata de amigos da paz para merecer delas as mais comovedoras manifestações de carinho.



No canal «Lenin» do Volga-Dan — Um grupo de intelectuais brasileiros em visita à grande obra staliniana do comunismo.

nos 4 cantos do mundo

«HERITACÃO GERAL» CONTRA OS EE. UU.

Cresce cada vez mais, na Inglaterra, o movimento contra a agressiva política dos EE.UU. e em favor de um entendimento.

Shinwell, antigo ministro da Defesa, declarou que a Inglaterra deve retirar suas tropas da Coreia, caso persistir o impasse criado artificialmente por intermédio de Singam Ri. O deputado trabalhista Davis pediu a retirada das tropas norte-americanas do próprio território inglês, em virtude da «irritação generalizada» contra os ianques, interpretando os sentimentos do povo inglês. O Partido Comunista lançou um manifesto exigindo a retirada imediata dos soldados britânicos da Coreia, o que «isolaria os fomentadores de guerra norte-americanos e poria fim à sua pretensão de falar em nome das Nações Unidas».

O «PAIS DO MEDO» CONTRA A PÁTRIA DE LINCOLN

Excitados ante o sangue dos mártires Rosenberg, os fascistas americanos pedem mais vítimas. O senador Wheeler quer cadeia para o juiz Douglas, da Corte Suprema, que teve a coragem de aplicar a lei no caso dos Rosenberg, enquanto o senador McCarthy exige o mesmo para o sábio Einstein e o advogado Bloch. Ex-combatentes da guerra da Coreia, que se recusam a caluniar os «incororanos», são expulsos do exército como «desleais e subversivos», tal como aconteceu com o militar Paul Schnur, recentemente condecorado. Por outro lado, professores universitários, rabinos e pastores, livreiros e dirigentes sindicais erguem suas vozes de protesto para barrar o fascismo na pátria de Lincoln.

GOVERNO DA ITALIA

Caiu o governo De Gasperi. Togliatti, após ter sido consultado pelo Presidente da República, Einaudi, afirmou que a crise governamental poderia ser resolvida se se levasse em conta o resultado das últimas eleições, em que a maioria do povo repudiou a política de guerra e de submissão aos imperialistas norte-americanos. Se não se levar em conta esse fato — disse o chefe do P. C. I. — a crise só poderá se agravar.

SURRADOS OS AMERICANOS

Milhares de manifestantes, no Japão, atacaram um campo militar norte-americano em Annaka, empurrando e surrando os oficiais ianques e seus capachos japoneses. Manifestações semelhantes se realizam em outros pontos do país, em sinal de protesto contra a intenção de partes do território japonês para treinamentos de guerra das forças armadas dos EE.UU. Não obstante as medidas de repressão dos ocupantes, dois coronéis americanos foram exemplarmente surrados.

O Inesquecível Mês de Março

A história de Helena, jovem grevista de São Paulo

★ que entrou para o P.C.B. ★

Reportagem de ISAAC AKCELROD

Fazia apenas três dias que os 300.000 operários de São Paulo estavam em greve. E quanta coisa tinha acontecido nessas 72 horas! A vida tinha tomado um rumo certo e seguro, pois cada coisa que ela fazia tinha uma finalidade. Agora, Helena estava na sala pobre da casinha operária do bairro. Eram dez pessoas ao todo. O ambiente era muito íntimo mais havia um quê de solidariedade e firmeza. Com voz clara falava sobre a honra de ser membro do Partido de Prestes, falava sobre o grande Stálin cujo coração deixara de pulsar.

Cada um dos recém-recrutados teria dez minutos para falar, logo em seguida. Receberam uma folha de papel e um lapis.

— Que vou escrever? Que sei eu para escrever?

Helena escreveu com letra miuda e apertada, diversas vezes, muitas vezes, o nome do camarada Prestes.

— Apesar das perseguições nosso Partido aumenta dia a dia. O Partido é invencível porque é o Partido da classe operária. E não há força capaz de acabar com a classe operária.

Ela apertava com mais força o lapis sobre o papel: Prestes, Prestes, Prestes... Mas a frase completa estava no seu pensamento.

— Que coisa grandiosa. Prestes não está. Caçam e perseguem nosso chefe. Mas ele não se afasta da luta. Seu partido não arde. Seu partido cresce sem cessar. Que felicidade que eu tenha podido vir até aqui.

Lembrou-se da biografia do Cavaleiro da Esperança escrita por Jorge Amado. Cada palavra do assistente vinha direta, com uma resposta às perguntas de sua vida de moça operária, com aquele fosse um velho amigo, um conhecedor de todos os seus problemas. A timidez do principio da reunião desapareceu. Ela estava à vontade, entre os seus, como a emoção de quem encontra os irmãos há longos anos procurados.

NA FABRICA DE JUTA

Desde o momento em que nasceu Helena foi tratada pelos capitalistas como uma inimiga. Os pais trabalhavam numa casa grã-fina, no Jardim Paulista. Ele, de jardineiro, a mãe nos serviços domésticos do palacete. Quando Helena

lo. Faziam lampões «Aladins», com uma luz branca e bonita, com os que se usa agora por causa do racionamento. Helena trabalhava na plantação de eucaliptos do dono da fábrica. No trabalho duro da enxada foram morrendo os sonhos de criança. Quando a fábrica fechou, o pai ficou trabalhando na cidade como funileiro. Um dia, ao colocar uma calha numa casa, caiu e fraturou a espinha. Helena teve que ir para a fábrica de juta, onde conheceu meninos e meninas de 14 anos como ela, trabalhando sob os berros do mestre.

A fábrica era cheia de pavores. Dentro da fábrica, era o medo da máquina. Quando rebentava um fio podre de juta, ela tinha que parar o fuso. Vacilava, com medo de perder os dedos, o fio continuava enrolando, aumentando as dificuldades, até que ela se decidisse a enfrentar o perigo. As meninas saíam juntas, fazendo o algazarra, para abafarem o medo que tinham, à noite, do cemitério próximo à fábrica. Atravessavam, ofegantes, o trilho da via férrea, com medo do trem. E chegavam em casa às carreiras, pois passavam correndo pela frente do quartel com medo dos soldados. Só de uma coisa ela não tinha medo. Era dos berros do mestre da fábrica. Diante do cemitério, sobre os trilhos reluzentes, nas proximidades do casarão amarelo do quartel, Helena era uma criança. Tinha medo como todas as crianças. Mas diante do patrão ela era uma jovem operária. Tinha raiva e ódio, como todos os operários.

A PRIMEIRA LUTA

Com a invalidez do pai, era preciso ganhar mais. Helena veio para São Paulo. Nem pensava mais em ser professora, tinha que mandar dinheiro para casa. Trabalhou em várias fábricas. Reclamava, protestava, repelia violentamente as propostas indecentes dos chefes. Mas foi na seção de empacotamento de pentes numa fábrica de ingleses que ela teve sua primeira experiência como organizadora e agitadora. Foi assim:

As moças tinham que tomar café às 5 para chegarem ao serviço às 7 da manhã. As 9 sentiam fome e queriam lanchar. A mestre, uma gordinha feroz e gritalhona de nome Elza, não consentia, porém. Ela, sim, tomava café com o pessoal do escritório. Mas as operárias tinham que engolir o pão seco, às escondidas, aos pedaços inteiros. «Isso não pode continuar», argumentava Helena. «Por que é que ela pode e nós não podemos?». Um dia combinaram tudo. Trouxeram lanques de verdade: sanduiche de mortadela. As 9 horas, todas ao mesmo tempo, abriram ostentivamente o lanche sobre as mesas de trabalho. A carrasca Elza estava distraída. Helena esperou que o mulher levantasse a cabeça. Era preciso que ela visse. Todos os olhos estavam fitos na pequena e brava agitadora. Cobia-lhe a honra do primeiro gesto de rebeldia. As companheiras a seguiriam. Quando Elza pôs os olhos sobre Helena seus olhos empapuçados, a moça mordeu o sanduiche com força, desafiadora e triunfante. Toda a seção mastigava diante da fúria impotente da carrasca. Era a força da união que se impunha. Desde esse dia, há lanche às 9 horas na fábrica de pente dos ingleses.

O INESQUECÍVEL MÊS DE MARÇO

O mês de março veio encontrar a fábrica agitada. Com 1.250,00 por mês não era possível viver. Helena discutia com as companheiras. E precisava pedir aumento, exigir, insistir até conseguilo. Formava comissões com audácia:

— Eu vou. Quem quer vir, comigo?

Eram comissões pequenas, de cinco, seis. Assim é pouco, explicava. Se formos tocas, então fica mais difícil o patrão negar. 15 dias antes da greve, a comissão já reunia 30 operários e operárias. O gerente se assustou.

— Que é que houve? — e Helena percebeu que ele falava mais alto porque estava com medo.

— Queremos aumento. — Para isso bastava uma, não precisava tanta gente. Não falei antes porque estamos estudando um aumento de 10%. Vão trabalhar que nós vamos resolver.

Na seção Helena explicou: mentira para se livrar da gente. O que é que adianta 10%? E uma ideia passou como um relâmpago pela sua cabeça. Sim, era isso mesmo. Combinaram trabalhar devagar, não dar produção. As outras seções dependiam delas. Pararam máquinas por falta de matéria-prima. E havia tempo para conversar de máquina em máquina.

Um dia apareceram volantes na porta da fábrica. Era o Sindicato que chamava os têxteis de São Paulo para uma assembleia a fim de tratar do aumento de salário. A assembleia era no dia 25. Quem é sindicalizado?

— Precisamos ir lá. Helena estava emocionada. Nunca tinha ido a uma assembleia. Os oradores eram interrompidos pelo brado de «greve» que saía de todas as bocas. A Matarazzo Belenzinho e a Sams já tinham parado. Em casa, Helena conversava mais consigo mesma do que com o pai:

— Como vou fazer? Todas as fábricas vão parar. Só a minha não...

No dia seguinte contou aos operários o que foi a assembleia. Reuniu grupos de 10 e 20 no banheiro. Todos os operários vão entrar em greve. Nos também temos que fazer o mesmo.

— Eu quero fazer greve. E' justo. Mas ninguém começa — diziam os operários.

Ao meio dia, como combinado, saíram com suas coisas. iam entrar em greve. No meio da rua, entre 600 operários, Helena perguntava a si mesma: E agora moça? Ai está a greve. Que vai fazer agora?

— Todos ao Sindicato, exclamou. Vamos ao Sindicato.

No Sindicato, organizaram logo a comissão da fábrica, a comissão de piquetes, outros foram vender bonus, trabalhar na comissão de solidariedade. Os piqueteiros protegiam Helena contra a polícia, que indagava seu endereço. Mas não era nada, ninguém voltaria ao serviço sem ela que tinha empunhado a bandeira do aumento. Um dia a prenderam. Os tiras roubaram-lhe o dinheiro do bonus, disseram todos os palavrões que um degenerado pode aprender na polícia, torceram-lhe os pulsos e soltaram-na numa estrada deserta. Um operário a socorreu. Outra vez, levaram-na para o Dops. Ai conheceu o carrasco Real.

— Voce vai ser fuzilada, ameaçava, enquanto Garcez se dizia mediador lá fora.

— Você vai para a Ilha Anchieta. Diga, quem são os comunistas?

E' PARA LUTAR ATÉ O FIM

No Sindicato conheceu um operário que já tinha visto num comício perto da fábrica. Ele a chamou à parte. Sabia de tudo o que ela tinha feito pelos companheiros que atiam na fábrica.

— Os operários se orgulham de você. Todo o mundo gostou do seu trabalho. Você precisa pertencer ao Partido, que é um Partido de luta, o Partido da classe operária que nos ensina a lutar por aumento de salário, contra a carestia, contra o envio de tropas para a Coreia. Você vai ter a ajuda das reuniões...

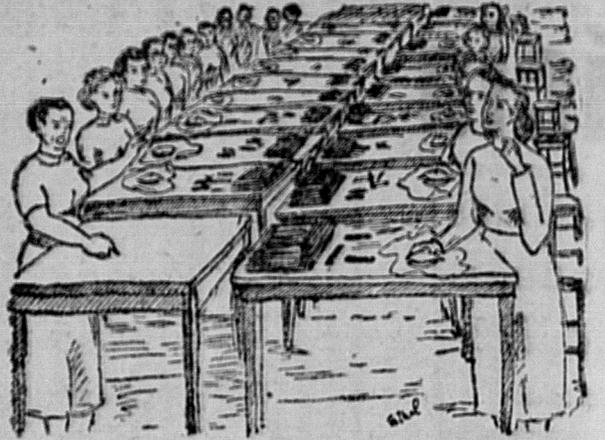
— Reunião de que? — interrompeu.

— Reunião da célula. Lá se discutem todos os problemas, aprende-se a melhor falar ao povo, dizendo-lhe toda a verdade. Lá os melhores filhos da classe operária dão opiniões, fazem sugestões.

Como já gostava, aceitou. Em casa o pai perguntou:

— Pense bem no caso, filha? Pense, então olhe lá. Não quero traidoras aqui em casa. Tem que lutar até o fim.

Depois daquela reunião com o assistente, Helena recrutou mais uns quantos, os melhores, os mais firmes e combativos. Renasceu-lhe no peito sonho antigo de ser professora. Não professora do «abc», mas professora de luta. Para isso, ela compreendia, tinha que aprender. Sua vida se transformou. Antes vivia aborrecida, triste, pensando que seria uma explorada sem direito algum a vida inteira. Agora, cada passo tinha uma finalidade. De noite, Helena estuda. Estuda mesmo quando tem uma reunião e volta mais tarde. Já leu a «Formação da Moral Comunista». Já leu a «Educação Comunista» de Kalinin. Está estudando o Informe de Malenkov. O patrão a despediu dois meses depois da greve.



— Não é nada, comenta Helena. Ficou lá um Partido grande e forte, com gente em quase todas as seções. Na outra fábrica em que trabalho, a tarefa não vai mal.

O sorriso de vitória da operária Helena ilumina seu belo rosto de 21 anos. E' como se ela repetisse que o comunismo é a juventude do mundo.

EMPRÉSTIMO INTERNO NA U.R.S.S.

15 BILHÕES DE RUBLOS SUBSCRITOS EM 3 DIAS

O governo da União Soviética lançou um empréstimo interno no valor de 15 bilhões de rublos. Tais empréstimos são comuns no Estado Soviético. O povo os subreverte rapidamente, porque confia em seu regime e sabe que tais empréstimos redundam em maiores benefícios para todos. O empréstimo foi coberto em três dias.

O empréstimo deste ano, é duas vezes menor do que o do ano passado. O que significa isso? Significa que a economia do país se reforçou ainda mais, a moeda é sólida, os recursos do Estado aumentam sem cessar. O empréstimo é subscrito pelas empresas, e organizações e pelos operários, camponeses e intelectuais. Os trabalhadores empenham uma quantia correspondente a duas semanas de seu salário, resgatáveis no prazo de 12 anos.

A que se destina o empréstimo? O empréstimo se destina ao fomento de economia nacional, ao cumprimento das tarefas gigantescas do V Plano Quinquenal. Com o dinheiro do empréstimo, o governo construirá mais conjuntos residenciais para os operários, construirá casas de cultura, praças de esporte, em suma, novas obras destinadas ao bem-estar material e ao desenvolvimento cultural dos trabalhadores. Quer dizer, o empréstimo é devolvido com altos juros do povo, na forma de novas condições de conforto.

Como observou o jornal «PRAVDA», em editorial, não obstante o empréstimo ter sido duas vezes menor do que o do ano passado, as despesas do Estado para a satisfação das necessidades materiais e culturais dos trabalhadores não diminuiram, mas, pelo contrário, aumentaram consideravelmente, em relação ao ano passado.

O bem-estar dos trabalhadores não é assegurado tão somente pelos salários em dinheiro, mas por muitas outras formas como, — para citar só algumas — as residências alugadas a preços que nunca excedem a 10 por cento dos salários, cujo valor real sobe de ano para ano com as baixas sucessivas dos gêneros de amplo consumo; os seguros sociais; a assistência médica inteiramente gratuita; as condições de férias e repouso, a instrução gratuita, os clubes e casas de cultura, etc.

«PRAVDA» cita, a propósito, um exemplo ilustrativo. O pessoal de um combinado têxtil de Tiblisi, capital da Geórgia, recebeu, somente nos últimos anos, 10 edifícios residenciais, praças de esporte, uma casa de cultura, uma casa de campo para os filhos dos operários, além de outros benefícios.

Exemplo como este poderia ser multiplicado por milhões. Por isso o povo recebe os empréstimos do Estado com tão grande entusiasmo, ao contrário do que sucede nos países capitalistas, como o nosso, em que o empréstimo é sinônimo de calote e negociata e só visa trazer mais lucros para os tubarões. Na URSS, o povo empresta ao Estado para ajudar a si mesmo, porque lá não existem exploradores e o Estado, sob a direção do Partido Comunista, existe para atender e satisfazer as crescentes necessidades da população que vive sob a civilização do socialismo, em marcha triunfante para o comunismo.



veio ao mundo, os pais não passaram o casal no olho da rua. Não queriam empregados com filhos.

A família ficou ao desabrigo e com muito custo alojou-se num quarto sub-locado. O pai foi para uma fábrica de alumínio na rua Piratimanga. Ganhava pouco. Vieram mais filhos. Cresceram as dificuldades. Apesar disso Helena pôde concluir o seu curso primário na escola pública. Era a primeira da turma. Batia o pé lavada em lágrimas — queria continuar estudando, queria ser professora. O pai recusava:

— Nós, os pobres, não temos direito de estudar. Temos só o direito de trabalhar e viver na ignorância para melhor sermos explorados.

Mas, no íntimo cedia à filha. Procurou a matrícula. Não havia vagas nos cursos gratuitos, os livros os cadernos, tudo era muito caro.

Desgostoso foi trabalhar na fábrica de alumínio em Capapava, no interior de São Pau-

O Que se Passa na Bolívia

O boicote a que os monopólios americanos da realidade submeteram a Bolívia ultimamente colocaram o país em situação difícil. Os Estados Unidos, como informa a imprensa estrangeira, cessaram quase inteiramente a compra do minério de estanho da Bolívia, do qual toda a economia do país depende.

Os monopolistas recorreram a este método de pressão para obrigar o governo boliviano a aceitar as suas exigências, embora, como declarou Rosalez, vice-presidente da «Corporação Mineira da Bolívia», instituição governamental, a Bolívia «chegara ao limite extremo das concessões». Rosalez acusou os Estados Unidos de «agressão econômica aberta» contra a Bolívia.

Esta agressão econômica dos monopólios americanos é a sua resposta à resolução tomada pelo governo da Bolívia durante o outono do ano passado no sentido de nacionalizar as jazidas de estanho que eram de propriedade das companhias controladas pelo capital americano e inglês e que forneciam um quinto da extração mundial de estanho.

Como aconteceu, porém, que a Bolívia — até hoje país dependente e atrasado — teve a audácia de enfrentar as provocações de poderosos monopólios para defender as suas riquezas e a sua independência nacional? Para se compreender isto é necessário conhecer a situação por que passa o país.

A DOMINAÇÃO DOS TRUSTES IANQUES

A firma de Patiño controlava quase a metade da extração do minério de estanho. A outra metade se encontrava sob o controle das companhias de Rotchild e Aramaio que os subservientes chamavam, da mesma forma que a Patiño, de «barões do estanho», enquanto que o povo os chamava de «barões usurpadores». Sob a etiqueta de firmas nacionais se ocultavam empresas internacionais que têm os seus estados-maiores nos Estados Unidos e na Europa.

Antes da segunda guerra mundial a extração de estanho na Bolívia era controlada principalmente pelo capital inglês. A partir da segunda guerra mundial os trustes americanos dominaram a firma de Patiño e con-

quistaram sérias posições em outras companhias. Os embarques do minério de ferro mudaram de itinerário e a parte do leão era encaminhada aos Estados Unidos, à usina de fundição de estanho em Texas City.

Segundo o testemunho do adido comercial da Bolívia no México, Ylla Coimbra, a firma Patiño, controlada pelos monopolistas dos Estados Unidos, de 1940 a 1948 conseguiu um lucro que representa 45.181 por cento do capital investido! Somente a renda anual desta firma ultrapassa todas as rendas do governo da Bolívia. Segundo o testemunho da revista americana «Times», os bens que possui a família Patiño, residente na Europa, são avaliados em bilhões de dólares.

A QUE ESTA REDUZIDO UM RICO PAIS

Os resultados desta pilhagem são evidentes. A Bolívia, fabulosamente rica em minérios de grande valor e possuindo imensos campos de terras férteis, se achava transformada num dos países mais pobres do mundo. Apenas dois por cento de seu território é cultivado. É forçada a importar dos Estados Unidos quase a metade dos víveres necessários à população. A Bolívia se achava transformada em país privado de direitos e dependente do capital estrangeiro.

A população da Bolívia mal atinge a quatro milhões de homens e aumenta de maneira extremamente lenta porque a maioria do povo se encontra numa situação de subnutrição permanente, as doenças e o trabalho exaustivo ceifam centenas de milhares de vidas. Segundo os dados oficiais, cerca de 35 por cento das crianças morrem na Bolívia. A duração média da vida de um mineiro boliviano é de 26 anos.

Os agentes das companhias de estanho chefiavam os partidos políticos e se tornavam ministros e presidentes. Os monopólios de estanho ditavam as leis, controlavam a imprensa, o rádio, organizavam «eleições», exerciam a lei e a justiça. Os monopólios estrangeiros e seus lacaios bolivianos valiam-se de seu poder sobre o país para explorar feroz-

mente o seu povo trabalhador.

Os índios, que constituem mais de metade da população, são sujeitos a uma exploração cruel. A maior parte dos índios e dos mestiços acha-se sob o jugo dos latifundiários feudais. 60 mil trabalhavam nas minas de estanho e em outras minas, para onde eram levados à força.

MONSTRUOSA EXPLORAÇÃO DOS MINEIROS

O trabalho dos mineiros é particularmente penoso. O minério é extraído a uma altura de mais de quatro mil metros acima do nível do mar onde o ar rarefeito, impregnado de poeira de estanho, destrói os pulmões. Banhando um ao outro com água, a fim de suportar o calor infernal, os mineiros trabalham de 14 a 16 horas por dia. Mastigam folhas de «coca» que contém cacaf, o que ajuda a sufocar a dor e a fome mas transforma rapidamente o mineiro em inválido e reduz a sua vida. Por este trabalho forçado as companhias de estanho pagavam ao mineiro 15 centavos por dia, isto é, quase 27 vezes menos do que pagavam o trabalho dos mineiros nos próprios Estados Unidos.

ARTIGO DE

V. BOROVSKI

CHACINA DE MINEIROS TUBERCULOSOS

O descontentamento crescente dos operários, agitados por todos os trabalhos, era cruelmente esmagado pelas companhias de estanho por meio de prisões em massa e chacinas. Na Bolívia existia o sindicato dos mineiros tuberculosos, o único do mundo, que reunia 18 mil dos 30 mil mineiros vítimas da tuberculose. A 15 de abril de 1951 este sindicato organizou uma manifestação de protesto nas ruas da cidade de Potosí. Esta manifestação foi sufocada por 100 trabalhadoras e 1.200 operários tombaram mortos e feridos nas colchadas ensanguentadas.

Não foi a primeira chacina

INQUEBRANTAVEL ESPIRITO DE LUTA

Entretanto, nenhuma ferocidade pôde quebrantar o espírito de luta dos mineiros que constituem a força principal do movimento de libertação nacional. Os operários promoviam uma greve em seguida à outra, saíam às ruas defendia os seus direitos.

Não só os trabalhadores mas também parte da burguesia nacional da Bolívia, que se esforça por obter os maiores lucros, se acha interessada na libertação do país do domínio dos monopólios estrangeiros. Visando eternizar a situação semi-

inspirada pelas companhias estrangeiras. Somente durante os seis anos que precederam o golpe de 1952, foram assassinados mais de quatro mil trabalhadores, centenas de operários e camponeses foram enviados ou lançados nas prisões e nos campos de concentração. A greve dos operários de Vila Vitória em maio de 1950 foi sufocada com ferocidade particular. Nessa ocasião lançaram-se contra os mineiros, suas mulheres e filhos, cinco regimentos de infantaria, de artilharia e a aviação. As repressões eram igualmente cruéis contra os mineiros em Catavi onde se acham situadas as principais minas de propriedade de Patiño.

colonial da Bolívia, os estrangeiros que procuram ali conseguir os lucros máximos freiam propositalmente o desenvolvimento das forças produtivas do país. É justo por isso que até hoje na Bolívia não existe usina de fundição de estanho. A concorrência estrangeira sufoca a indústria de transformação. A ordem feudal, cuja manutenção é ajudada pelos monopólios, retarda o desenvolvimento da agricultura e impede que o país se torne independente em relação à importação de víveres e amplie o seu mercado interno.

OS RESULTADOS DO GOLPE n° 179

Um dos partidos burgueses da Bolívia — O «Movimento Nacional Revolucionário» — se tornou o Partido mais popular do país quando incluiu em seu programa a reivindicação, exigida pelo povo, de nacionalizar as minas e de realizar a reforma agrária. O seu líder, Paz Estensoro, foi eleito presidente da Bolívia durante as eleições de 1951. As forças reacionárias, porém, inspiradas e pagas pelos monopólios de estanho deram um golpe e colocaram no poder uma junta militar chefiada pelo general Boliviano.

O governo de Boliviano durante muito tempo mercadejou com os Estados Unidos quanto ao preço do estanho, cuja procura naquela ocasião aumentava em consequência da guerra na Coreia. Os entendimentos não conduziram a resultado algum. Entrementes, nos portos peruanos, e chilenos se acumulavam os montes do minério de estanho boliviano que os monopólios americanos se recusavam a exportar. A situação no país piorava. Surgiam divergências no seio da camarilha governante. O general Seleme, membro da junta militar e ministro do interior, um dos principais culpados pelas repressões sangrentas contra os operários, organizava um complot, agindo em aliança com os círculos fascistas.

Entretanto, de maneira inesperada para os conspiradores, o 179.º golpe na história da Bolívia, que tentaram desencadear em abril do ano passado, se transformou em levante do povo. Os operários se tornaram a força principal deste levante. A iniciativa passou para as mãos da ala esquerda do Partido «Movimento Nacional Revolucionário». Ao voltar do exílio o líder do Partido, Paz Estensoro, assumiu a chefia do governo.

COMO FOI DECRETADA A NACIONALIZAÇÃO DAS MINAS

Dentro em pouco observou-se, porém, que o novo governo não se apressava a cumprir as suas promessas quanto à nacionalização das minas e a realização da reforma agrária. A burguesia boliviana, não menos que os monopólios estrangeiros que dominavam o país, se assustou com o levante do povo e se esforçava por retê-lo para que, livre da sua interferência, pudesse mercadejar com as companhias de estanho e concluir com as mesmas um acordo proveitoso.

Os operários, porém, reunindo-se na sindical «Central Obrera Boliviana» desarmaram o exército reacionário e criaram a sua milí-

cia armada. Quando Paz Estensoro tentava retardar a nacionalização das minas, os sindicatos declararam o estado de mobilização dos trabalhadores sob o controle da milícia operária. A 2 de setembro do ano passado, na capital do país, a cidade de La Paz, realizou-se uma numerosa manifestação dos trabalhadores e da milícia operária que exigiu aprovação da lei de nacionalização. A 31 de outubro foi assinado o decreto da nacionalização das empresas de Patiño, Rotchild e Aramaio.

Os sindicatos apoiados pelo Partido Comunista da Bolívia, conseguiram também o estabelecimento de monopólio estatal sobre a exportação

de democratizar a vida do país. Sob a influência destes acontecimentos desenvolveu-se no país o movimento camponês pela reforma agrária e numa série de distritos os camponeses começaram a se apoderar das terras dos latifundiários.

OS TRUSTES RESISTEM E MANOBRAM

Os monopólios internacionais fazem tudo o que deles depende para minar a nacionalização das minas na Bolívia. Os monopolistas recorrem à sabotagem: organizam complotes antigovernamentais, recusam-se a adquirir o minério e a vender equipamento. Pela mão descarnada da fome tentam vencer a vontade do povo de lutar pela liberdade pela independência. Sob a pressão dos Estados Unidos a Bolívia celebrou um acordo com os proprietários das minas da companhia Patiño quanto à indenização das empresas nacionalizadas em condições extremamente proveitosas aos antigos proprietários. Recentemente, com a aprovação do chamado Fundo Internacional de Reserva em Washington, foi o valor do boliviano (unidade monetária da Bolívia) reduzido a um terço em relação ao dólar, o que provocou um novo aumento dos preços.

O governo da Bolívia aprova a outorga de concessões aos monopólios do petróleo que estes há muito tempo se esforçavam por conseguir. Acha-se também estabelecidos novos privilégios em relação à exportação dos lucros das companhias estrangeiras.

Atualmente os Estados Unidos retardam a conclusão de um acordo sobre a compra de estanho esforçando-se por impor à Bolívia preços extremamente baixos e conseguir novas concessões. Em consequência disto a Bolívia ficou sem divisas necessárias à compra de víveres e outras mercadorias. A imprensa dos monopólios americanos calunias o governo boliviano de todas as maneiras, enquanto que a órgão da oligarquia financeira dos Estados Unidos, a revista «Barrons» até mesmo ameaçou com a remessa de forças armadas à Bolívia para forçá-la a «respeitar as exigências dos exportadores de capital».

DECISIVO O PAPEL DA CLASSE OPERÁRIA

A situação atualmente reinante na Bolívia é extremamente complexa. Por um lado os monopólios americanos e ingleses e a burguesia boliviana lutam entre si pela parte dos lucros conseguidos com a exploração das riquezas naturais e a força de trabalho barata da Bolívia. Por outro lado, os monopólios estrangeiros em conjunto com a burguesia nacional lutam contra o povo boliviano visando privá-lo da possibilidade de influenciar a marcha dos acontecimentos, desarmar os operários e privá-los do direito de controlar as empresas nacionalizadas. Os reacionários desejam restaurar a metade do exército disperso pelos operários e privar o povo da liberdade e dos direitos democráticos que recentemente conquistou.

Os acontecimentos na Bolívia atestam que os povos dos países dependentes se unem para rechazar os exploradores estrangeiros. A nacionalização das riquezas naturais se tornou uma das formas da luta que os povos dependentes travam contra a pilhagem imperialista.

A experiência adquirida pela Bolívia confirma uma vez mais que o êxito da luta pela nacionalização das riquezas naturais depende da classe operária conseguir ser a força decisiva nesta luta e nesta manter a iniciativa.

Nas condições atuais somente uma pressão séria dos trabalhadores pode obrigar a burguesia nacional, sempre pronta a entrar em acordo com os monopólios estrangeiros, a concordar com as medidas que visam defender a independência nacional.

Nota da redação da VOZ OPERÁRIA — O presente artigo de V. Borovski foi publicado na edição da «PRAVDA» do dia 29 de maio último. Os substitutos, assim como a variação de tipos no texto, são de nossa responsabilidade.

Cerca a

Rádio de Moscou

TRANSMISSÕES DIÁRIAS

— PARA A —

AMERICA LATINA

EM PORTUGUÊS:

Das 20,30 às 21 horas

EM CASTELHANO:

Das 21 às 23,30 horas

A Emissora Central de Moscou transmite diariamente para a América Latina pelos campos de onda de 25, 31 e 41 metros

Aproxima-se a Nova Batalha Contra os Trustes do Algodão

A colheita de algodão deste ano está a findar. Ressurgem os mesmos problemas do ano passado: a questão do preço da arroba do algodão bruto e do escoamento das fibras. Essa questão é vital para cerca de meio milhão de brasileiros, que, em São Paulo, vivem diretamente da lavoura algodoeira.

Na base de tudo está este fato revoltante: um grupo de «maquinistas» norte-americanos, tendo à frente a Sanbra e a Clayton controlam a produção e o comércio do ouro branco. E o governo faz a política desses trustes.

A EXPERIENCIA DO ANO PASSADO

Na época da safra, os trustes pagam preços irrisórios por uma arroba de algodão, menos do que os lavradores gastaram para cultivá-la. O ano passado, essa situação levou os lavradores a grandes movimentos de protesto, com queimas simbólicas de algodão e concentrações de repulsa às manobras dos trustes e ao governo que lhes obedece: o governo de Getúlio. Graças a esse movimento, o Banco do Brasil viu-se obrigado a buscar uma «solução»: comprou o algodão a Cr\$ 85,00, o que não chegou a cobrir os prejuízos de muitos, sobretudo dos pequenos produtores, que exigiam o preço mínimo de Cr\$ 120,00 a arroba. A história que se seguiu depois é conhecida: o governo «torrou» esse algodão com prejuízo no mercado internacional, inclusive trocando-o por aviões a jato, ao invés de buscar novos mercados entre os países socialistas. Com isso foram beneficiados os trustes, que revenderam o algodão estocado e comprado dos camponeses a preços via ao Banco do Brasil, auferindo grandes lucros.

ROUBO ORGANIZADO

Este ano as coisas ainda estão piores. O custo da produção aumentou e o comércio exterior do país, submetido aos monopólios ianques, está à beira do colapso. Attingidos por todas essas dificuldades, já se movimentam os camponeses no interior paulista, armados da experiência do ano passado, quando aprenderam que somente através da luta unida de todos, através de vigorosos protestos, conseguirão alguma coisa dos trustes e de seus lacaios do governo. Os «maquinistas» já estão comprando o algodão na prática, até por Cr\$ 40,00 a arroba e os lavradores sentem que, se ficarem de braços cruzados, será a ruína da grande maioria. Por isso se dispõem a lutar. Os produtores do Mirante de Paranapanema, por exemplo, estão exigindo o preço mínimo de Cr\$ 100,00 a arroba. Milhares de arrendatários e meeiros, que constituem cerca de metade dos produtores, bem como pequenos e médios camponeses estão a exigir sacaria, financiamento diretamente aos plantadores a prazos de quatro anos e a juros de 4%, a fiscalização do peso e da classificação nas máquinas, a abolição do famigerado imposto de vendas e consignações e outras reivindicações. Prevê-se assim, um movimento ainda

mais enérgico por parte da verdadeira lavoura algodoeira contra o roubo organizado do produto de seu trabalho.

SEM REBENTAR OS TRUSTES, NENHUM PROGRESSO É POSSÍVEL

A exceção dos latifundiários,

rios, sócios e aliados da Sanbra, Clayton e do tubarão Matarazzo (também grande «maquinista»), para o grosso dos latifundiários, porém, o pouco que conseguem, através da luta, na questão do preço da arroba, servirá apenas para aliviar a sua situação. Porque, na verdade, a prosperidade da

lavoura algodoeira e o bem-estar dos homens que trabalham a terra, jamais poderão ser obtidos enquanto não se libertarem das garras dos trustes ianques, tendo à frente Sanbra e Clayton, que mandam na bolsa de mercadorias de S. Paulo, que mandam no veneno e no transporte, que mandam na exportação e nas máquinas de beneficiamento, que classificam o algodão segundo seu interesse, que mandam no governo do Brasil, em Getúlio e Garez e no Banco do Brasil. São os homens dos trustes que levam a parte do leão na produção algodoeira e são eles que limitam essa produção quando ela entra em concorrência com a produção norte-americana. São eles que impedem que o Brasil venda seu algodão para os grandes mercados da União Soviética, da China e das democracias populares, capazes de absorver grande parte de nossa produção, comércio esse que, desde logo, não traria para o Brasil aviões a jato, instrumentos de guerra e de morte, que fazem a alegria dos belicistas ianques, mas que poderia resultar no fornecimento de máquinas para a exploração do nosso petróleo e o desenvolvimento da indústria nacional.

Lutando unidos a situação melhora

O EXEMPLO DOS APANHADORES DE ALGODÃO DE UMA FAZENDA

Recentemente, em Presidente Bernardes, 300 apanhadores de algodão no latifúndio de Artur Ramos (Fazenda Guarucia) pararam o trabalho, como meio de conseguir o aumento de Cr\$ 2,00 por arroba colhida. O «statu quo» Ramos pagava só oito e os homens exigiram dez. Ele não quis ceder, o jeito foi mesmo para de trabalhar. Ramos acabou cedendo.

Outra coisa que aflige a vida dos camponeses é a falta de dinheiro em mão. Não dispendo de créditos, caem na mão de latifundiários poderosos como Ramos. Estes resolvem pagar em «vales» para fornecimentos, sujeitando os lavradores a comprar nos armazéns da fazenda a altos preços. Muitos camponeses compreendem que isso não pode continuar assim e na própria fazenda de Ramos 40 trabalhadores foram ao escritório para exigir pagamento imediato em dinheiro.

Além da exploração dos latifundiários, os pequenos produtores, os meeiros, arrendatários, apanhadores de algodão e trabalhadores rurais são vítimas do domínio do algodão pelos trustes americanos Sanbra e Clayton. Tudo isso agrava a situação de centenas de milhares de cidadãos que, dia a dia, se convencem mais claramente de que, para melhorar, terão de lutar unidos.

Paulistas e Gaúchos se Empenham A Fundo na Emulação da "Voz Operária"

A 1.ª de agosto — dentro de menos de um mês, portanto — encerrar-se-á a presente emulação entre as nossas sucursais. Estamos nos momentos decisivos da disputa fraternal, que tem como objetivo a conquista do primeiro lugar na difusão do semanário de Luiz Carlos Prestes.

SURPRESA: S. PAULO VENCEU A QUINZENA

Dada a proximidade do término na emulação é que chamamos a atenção da sucursal de Porto Alegre para o sucedido na última quinzena: S. Paulo foi o vencedor. Com efeito, os paulistas, que vinham perdendo sistematicamente para os gaúchos, lograram na quinzena manter-se na dianteira com 100 pontos sobre os de Porto Alegre.

São estes os resultados:

	pontos
1.ª — S. Paulo	3.100
2.ª — P. Alegre	3.000
3.ª — Salvador	600
4.ª — Fortaleza	300

COMO FOI SÃO PAULO MELHOROU?

Dizem os paulistas: «Estávamos enganados os que previam uma derrota certa da Sucursal de São Paulo. É verdade que estávamos avançando pouco no aumento das cotas, mas o que acontece e que não queremos elevá-las somente durante o tempo da emulação. Aumentaremos nossas cotas e elas permanecerão aumentadas. Não voltaremos à estaca zero!»

E acrescentam: «Agora, que todos os agentes já discutiram as bases do plano, chegou a hora da grande virada. Veremos, então, quem, na realidade, «correrá pelo menos até a metade da cancha...»

Os paulistas não ficaram nas palavras — A Sucursal de

São Paulo, a fim de avançar na emulação organizou uma comissão composta de operários, intelectuais, médicos, advogados, maquiagem, funcionários públicos, que lançou um apelo a todos os patriotas no sentido de que ajudem e leiam a VOZ OPERÁRIA, instrumento de luta contra as calúnias, as mentiras e os engodos dos que tramam a carnificina de uma nova guerra»

SORTEIO DE BRINDES

Como parte da campanha para difundir a VOZ e, ao mesmo tempo, suprir as nossas dificuldades financeiras, a Sucursal de São Paulo programou o sorteio de uma série de brindes, com três prêmios: um aparelho de jantar, com 42 peças, um aparelho de chá, com 10 peças e uma bateria de cozinha. Mil pessoas concorrerão, dando cada qual 5 cruzeiros para a VOZ OPERÁRIA.

OS GAUCHOS DISPOSTOS A VENCER

Os gaúchos, que vêm mantendo até agora a dianteira na emulação — perderam apenas na última quinzena, mas se conservam à frente na apuração geral — não dormem sobre os louros. E novas iniciativas são adotadas.

PROPAGANDA DA VOZ

— Iniciativa interessante para difundir a VOZ — e que foi posta em prática pela Sucursal de Porto Alegre — consiste em imprimir em preto uma capa deste semanário e em grandes letras vermelhas, superpostas, as palavras: GRANDE CAMPANHA DE DIFUSÃO — LEIA E DIVULGUE VOZ OPERÁRIA E TRIBUNA. («A Tribuna» é o diário da imprensa popular em Porto Alegre).

EM PELOTAS

Eis a experiência posta em prática em Pelotas. Em

EIS A ATUAL COLOCAÇÃO DAS SUCURSAIS:

1.º grupo — Porto Alegre	10.570 pontos
São Paulo	6.925 "
2.º grupo — Fortaleza	5.755 "
Salvador	1.820 "
Recife (continua fora da emulação)	

7 DIAS NO BRASIL

DIA 24 —
Aprova a Assembleia Legislativa de Mato Grosso o envio de uma mensagem ao Presidente da República

ca, concludendo o governo brasileiro a se pronunciar, na ONU, em favor de um Pacto de Paz entre os Cinco Grandes.
— Revela o deputado Herbert Levi que o governo de Getúlio negou cambiais para a importação de material destinado à irrigação de cafezais em São Paulo, enquanto, na mesma época, enviava o cruzador «Almirante Barroso» às festas da coroação, viagem que custou ao Brasil 5 milhões de cruzeiros, duas vezes mais do que o necessário para a importação do material para a lavoura paulista.

DIA 25 — Vitoriosa a greve geral de 100.000 homens do mar.
— Chega ao Rio o sr. R. Openheimer, um dos construtores das bombas atômicas com que os ianques assolaram o Japão. Openheimer, que colocou seus conhecimentos a serviço dos trustes, constatou melancólico: — Infelizmente, tenho de acreditar na bomba atômica russa, já que os soviéticos possuem bons técnicos...

DIA 26 — Notícia-se que, no Rio Grande do Sul, mais três câmaras municipais — de Vacaria, Carazinho e Canguçu — pronunciaram-se em favor de um Pacto entre as 5 grandes potências.
— Novo «acordo» entre Getúlio e os EE.UU., desta vez sobre «cooperação» agrícola. O Brasil gastará dinheiro e os trustes mandarão mais agentes investigar nossos recursos e descobrir os meios de nos explorar ainda mais.

DIA 27 — Notícia-se a compra de 5 «fortalezas voadoras» aos EE. U., já «como decorrência do acordo militar».

DIA 28 — Recebe o Brasil a notícia de que o Conselho Mundial da Paz resolveu conceder a Medalha de Ouro ao consagrado compositor brasileiro Claudio Santoro, por sua sinfonia «Canto de Amor e de Paz».
— Abalroado e quase posto a pique o navio brasileiro «Loide Panamá» por um petroleiro norte-americano. O marinheiro Aristides dos Santos morreu heroicamente tentando evitar o desastre.

DIA 29 — No Rio, oito grandes fábricas são paralisadas pela Light, que cortou-lhes o fornecimento de energia, já com a cumplicidade do novo Ministro da Viação, José Américo.

DIA 30 — Nomeado Vicente Ráo para o ministério do Exterior. Vozes de protesto, inclusive no Senado, contra a nomeação recordam sua condição de ex-teórico do fascismo, ideador do Tribunal de Segurança, cúmplice de Getúlio no assassinio de Olga Benário Prestes.



Leia as
OBRAS
de
J. V. Stálin

1.º volume (1901-1907)
2.º volume (1907-1913)
3.º volume (1917)

Cada volume: Cr\$ 30,00

EDITORIAL VITÓRIA

R. do Carmo, 6. s/ 1306
Rio de Janeiro
Atendemos pelo reembolso postal

Lutemos Por Um Governo Democrático - Popular

“Contra o atual governo de traição nacional de Vargas, que representa os interesses de uma pequena minoria de exploradores e esfomeadores do povo, levantemos com audácia e persistência em nosso trabalho junto às massas nas fábricas, nas fazendas, nas escolas, nos bairros, nos navios e nos quartéis, a bandeira do governo democrático-popular.” (Luiz Carlos Prestes - Informe ao Pleno de abril de 1953 do C. N. do P. C. B.)



COMO AGE O GOVERNO DE VARGAS ?

1 — O governo de Vargas realiza uma política de guerra. Mais de 10 bilhões de cruzeiros do orçamento deste ano são dedicados a despesas de guerra. Grandes bases militares estão sendo construídas em Recife e Salvador. Centenas de milhares de cruzeiros foram gastos com a compra de aviões a jato. Getúlio tudo tem feito para transformar nossa juventude em carne de canhão.

2 — O governo de Vargas entrega o Brasil aos imperialistas ianques. A embaixada dos Estados Unidos dirige, na verdade, o nosso país, impondo a aprovação do Acórdo Militar e da Petrobrás. Quinze mil fuzileiros ianques pisam em nossa terra como dominadores. São cada dia maiores os lucros arrancados ao nosso povo pelos trustes americanos como a Standard Oil, a Ligth, etc., atingindo a 16 bilhões de cruzeiros em 1951. Os imperialistas norte-americanos impedem o comércio normal de nosso país com grande mercado formado pela URSS e as democracias populares.

3 — O governo de Vargas defende os interesses dos latifundiários. 75 por cento das terras do país são dominadas por 8 por cento apenas de proprietários. O governo faz as maiores negociações com os grandes fazendeiros e nenhuma medida toma em benefício dos trabalhadores agrícolas, dos pequenos e médios lavradores. No nordeste, milhares de camponeses morrem à mingua, sem que nenhuma medida em seu favor seja tomada pelo governo.

4 — O governo de Vargas defende os interesses dos grandes capitalistas cujos lucros aumentam cada vez mais, enquanto os trabalhadores recebem salários de fome e ficam desamparados na doença ou na velhice. Em capitais, como Natal, o salário mínimo fixado por Vargas é de 500 cruzeiros.

5 — O governo de Vargas esmaga as liberdades democráticas. No começo deste ano estavam nos cárceres 500 presos políticos. Jornais populares e organizações democráticas são assaltados pela polícia. As greves são reprimidas pela violência. Os direitos constitucionais são sistematicamente desrespeitados.

6 — O governo de Vargas é responsável pela carestia da vida. Defendendo os interesses dos latifundiários e grandes negociantes, e realizando enormes despesas para a guerra, o governo provoca a subida de todos os preços. Em três anos a carestia da vida se elevou em mais de 300 por cento.

O governo de Vargas representa os interesses da minoria de exploradores e opressores do povo, lacaios dos imperialistas norte-americanos:

- os grandes capitalistas
- os latifundiários

O governo democrático-popular representará os interesses das grandes massas:

- a classe operária
- os camponeses
- a pequena burguesia
- a burguesia nacional

DISSE PRESTES

O governo democrático-popular é o objetivo político essencial de nosso Partido, objetivo que só poderá ser alcançado através do caminho da unidade e mais ampla de todas as forças democráticas e patrióticas da nação.

Que dará ao nosso povo o Governo Democrático-Popular?

No Informe ao Pleno de Abril do Comitê Nacional do P.C.B., Prestes esclarece o que dará ao nosso o governo democrático-popular:

— Realizará uma firme política de paz, deslocando o Brasil do campo de guerra para o campo da paz e da democracia. Pugnará pela colaboração pacífica entre todos os povos e contra a corrida armamentista. Aplicará os recursos do país em obras de paz.

— Libertará o país do jugo imperialista, expulsando de nosso país os agentes do imperialismo ianque, confiscando o capital e as empresas dos monopolistas norte-americanos. Desenvolverá a indústria e a agricultura de acórdo com os interesses nacionais e liquidará o domínio dos EE. UU. em nosso comércio exterior, estabelecendo relações com todos os países, especialmente a URSS e a República Popular da China.

— Confiscará a terra dos latifundiários, distribuindo-a gratuitamente entre os camponeses, liquidando as sobrevivências feudais no campo, como a meia, a terça, o vale e o barracão, etc, promovendo o aumento da produção agrícola através de crédito e assistência técnica aos camponeses, etc.

— Assegurará as liberdades democráticas para o povo, que terá ampla liberdade de manifestar seu pensamento, de reunir-se, de organizar-se a fim de participar ativamente da vida política.

— Trará o bem-estar e a felicidade para os trabalhadores e o povo, melhorando suas condições de existência, aumentando os salários e vencimentos, assegurando uma assistência social que satisfaça às necessidades dos trabalhadores e suas famílias.

“É nosso dever, portanto, não poupar esforços para unir em tórno da classe operária, em poderosa Frente Democrática de Libertação Nacional, tôdas as forças sadias da nação. Isso exige, em primeiro lugar, a luta persistente pela unidade da classe operária, a elevação a um novo nível de nossa atividade nas empresas e o reforçamento sistemático de nossa atuação nos sindicatos.”

Unidos, são invencíveis os mineiros de São Jerônimo!

A HISTÓRIA das minas de São Jerônimo é uma história de sangue e sofrimento, uma história de duros combates contra a exploração desumana dos patrões capitalistas. Dez mil homens trabalham e sofrem no subsolo desse município gaúcho enriquecendo um Consórcio de grandes e poderosos capitalistas, senhores da lei e do governo, da força e da justiça.

Um sentimento profundo de ódio aos exploradores palpita em dez mil corações. Robustecido por três gerações, ele se concretiza na ação vigorosa dos mineiros na luta contra a prepotência patronal.

Já no ano de 1871, foram abertas as minas de São Jerônimo. Ali procurava instalar-se uma companhia inglesa. Depois, organizaram-se duas empresas. Uma delas em Ratos e outra em Butiá, distritos do município. A concorrência de lobos fomentava suas rixas constantes. Mas um dia resolveram unir-se. E formaram o CADEM — Consórcio Administrativo das Empresas de Mineração, — nome que é um símbolo da exploração mais brutal.

O TRABALHO DOS MINEIROS

As minas estão localizadas no interior de São Jerônimo. As duas maiores são Arróio dos Ratos e Butiá, as menores em Leão e em Xaraguá, distando 100 quilômetros de Porto Alegre. O total de operários em atividade permanente nessas duas minas é 5.455. Trabalham em três turmas por dia, divididos — cada turno — em turnos que chegam a duzentos homens. Nos Ratos, só há poço 6, trabalham ininterruptamente quatro turmas, ao total de 800 homens para o trabalho de extração 38 metros de profundidade. Mas há poços muito mais profundos, como o 5A que está a 113 metros. Geralmente, a profundidade dos poços é de 50 a 60 metros.

As condições de trabalho são as mais precárias possíveis. Em Butiá há um poço onde a água vai até à altura dos joelhos dos trabalhadores. Os desabamentos são frequentes e é suportando um pavoroso mau cheiro que os mineiros têm de fazer suas refeições muito escassas no próprio interior da terra.

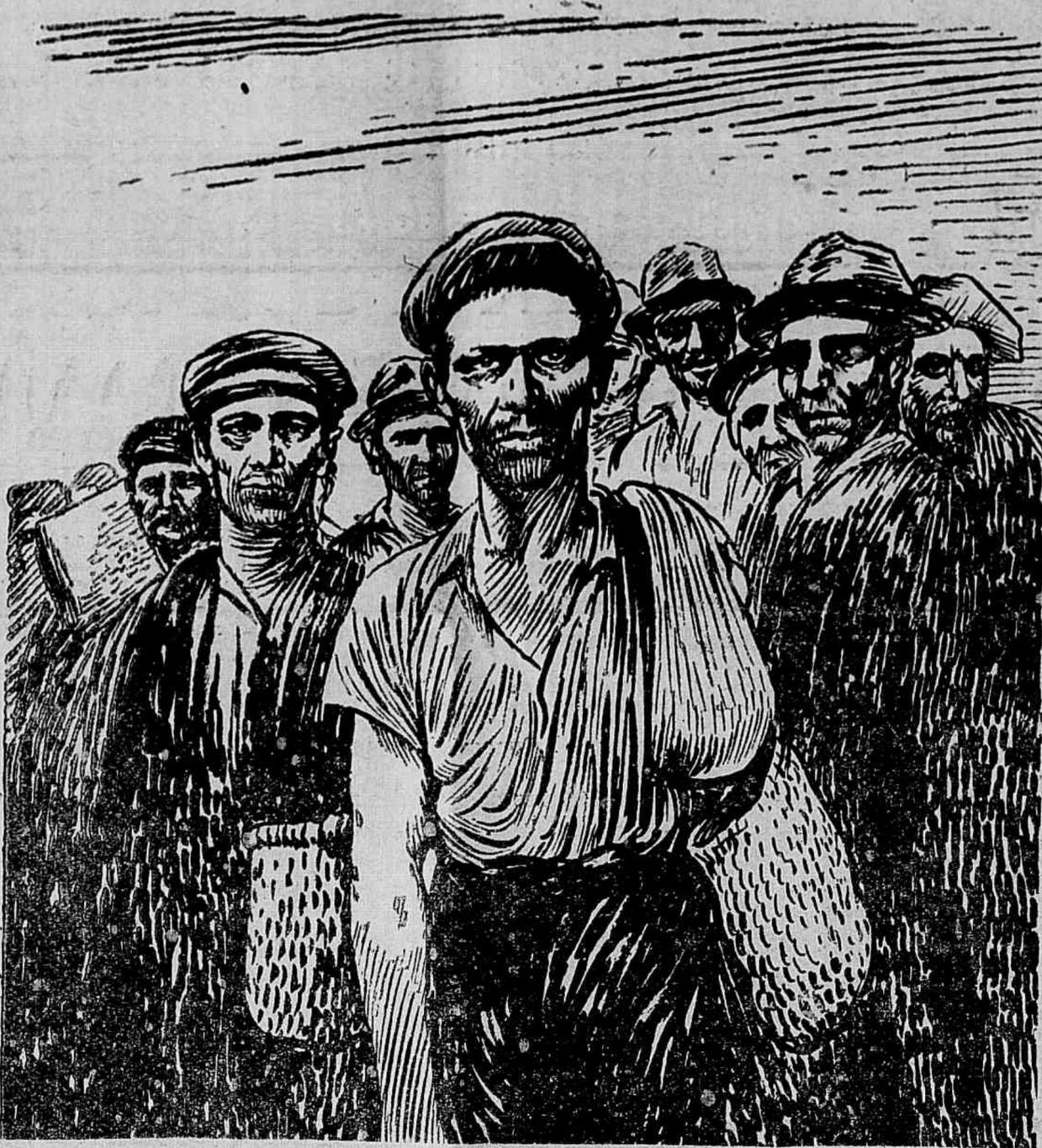
Sufocadas no subsolo, ou escavadas na superfície, multidões de homens se consomem enriquecendo o CADEM, essa empresa cruel que arrebanha sua mão-de-obra nas massas camponesas arruinadas, que fogem da miséria do latifúndio.

LUCCROS IMENSOS, SALÁRIOS DE FOME

Existem 600 tocadores de carro. Destes, trabalham 500 por dia. Cada um toca diariamente cerca de 15 carros, o que dá 7.500 quilos de transporte por homem, ou seja 3.750 toneladas para cada dia de produção transportada cada dia, por todos os tocadores. Se tomarmos por base o preço de duzentos cruzeiros por tonelada (o que é um cálculo baixo) teremos uma receita de Cr\$ 750.000,00 por dia ou cerca de vinte milhões por mês.

CADEM — UM SÍMBOLO DE EXPLORAÇÃO ★ LUTAM OS MINEIROS POR MELHORES SALÁRIOS E POR SINDICATO LIVRE ★ SANGUE E SUOR NA TERRA NEGRA ★ COM O NOME DE PRESTES NOS LÁBIOS SE PREPARAM PARA NOVOS COMBATES E PARA A VITÓRIA, QUE É CERTA

Reportagem de PLÍNIO CABRAL ★ Desenhos de MÁRIO MATOS



Mas o mineiro ganha salários de fome. Seu salário fixo é de 15,60 por dia. O resto são bonificações, abonos, prêmios que o CADEM teve de conceder à custa de grandes lutas, dando a seguinte distribuição geral:

Salário fixo	15,60
5%	0,70
Outro abono	12,00
20% de assiduidade integral	5,50
Domingos	3,70
TOTAL	37,50

O regime de multas se encarrega, porém, de diminuir ainda mais esses salários miseráveis e mal alimentado e com a saúde precária, o mineiro dificilmente pode assegurar o recebimento do abono de assiduidade inte-

A JUSTIÇA DE GETÚLIO SERVE AOS PATRÕES

Essa empresa milionária que tem o cinismo de alegar ser-lhe impossível aumentar o salário de seus operários. E para isso conta com o apoio de todos os órgãos do governo, desde a polícia aos mais altos tribunais do país.

geral, arrancado aos vorazes patrões ao cabo de uma vigorosa greve de 37 dias.

Desse modo, o consórcio pode aumentar cada vez mais o lucro de milhões que mês a mês abarrotava suas arcas.

Depois de grandes lutas os trabalhadores conseguiram um aumento de Cr\$ 300,00 mensais. O CADEM apelou, então, para o Superior Tribunal do Trabalho e essa corte, sempre a serviço dos

patrões, decidiu consultar o Conselho de Mineração para saber se poderia ser aumentado o preço do carvão. Diante da resposta negativa, o TST decidiu cassar o aumento alegando que o CADEM está tendo — pasmem só! — prejuízo

UM FEUDO

O CADEM é um feudo. Ele impera onipotente. Na superfície, como no subsolo tudo lhe pertence. As casas, a terra, a água, os armazéns, a luz. Os chefões ganham ordenados altíssimos como o engenheiro-chefe Lacourt que chega a ter empregados especiais para catar pulgas em seus cães de raça.

A violência é uma lei no CADEM. Uma lei que para ele é tão sagrada como a expolição. Sempre foi assim. Desde os tempos do subdelegado Luiz Francisco de Oliveira e antes dele. Foi a

polícia do CADEM que assassinou o ferroviário Francisco de Souza, quando os trabalhadores da ferrovia Jacuí, que transporta o carvão, entraram em greve. Ferido mortalmente, o operário entrou em casa. A polícia cercou o local. Sua esposa, em prantos, solicitou um médico. Negaram. Desesperada, vendo o marido agonizante pediu que lhe dessem ao menos uma vela para que ele pudesse morrer na religião católica. Mas os beaguins negaram-lhe até isso. Ninguém podia entrar ou sair daquela casa. E quando o sol iluminou as terras escuras de São Jerônimo não existia mais o querido combatente da classe operária, enquanto lá fora rugia a indomável revolta nos peitos proletários.

SANGUE E SUOR NA TERRA NEGRA

À noite um fogo aral ilumina a terra. E os mineiros

dizem: «a barba está queimando». Os detritos de carvão ficam na superfície, inflamam, expõem gases venenosos e o ar mortífero e abafado vai roendo as pulmões, vai devorando as vidas. Sobre a terra, ou sob o solo, a morte ceifa. No dia 14 de fevereiro caiu a galeria número 2. Desabou a cobertura. A mina estava em baixo de um pantanal e a terra veio abaixo. Se não fosse a hora do revezamento de turno morreriam muitos trabalhadores. Para uma a vida é eterna escuridão. Emendam turno com turno e quase nunca vêem o sol, ao passo que nas minas mal feitas, com lodos nas galerias, de fios elétricos desencapados, ressoam os pesados martelões de 40 quilos trepidando sobre os ombros frágeis, que guardam pulmões carcomidos pela silicose. O carvão mineral consome vida: a vida dos que salpicam de sangue e suor a terra negra.

A LUTA É DURA, MAS A VITÓRIA É CERTA

Um dia Luiz Carlos Prestes chegou às minas. Quem não se lembra. Ninguém ficou em casa. Ninguém trabalhou. Todos foram ver o Cavaleiro da Esperança. Sua lembrança permaneceu e suas palavras abriram novos horizontes. Quando falamos aos mineiros sempre nos perguntam: — E Prestes? Como vai Prestes?

Os ensinamentos de Prestes guiam os mineiros em seus combates cada vez mais organizados. Seu jornalzinho mensal — O LAMPEÃO — circula de poço em poço. Tiragem pequena, ele chega a gastar-se passando de mão em mão, de terno em terno, de homem em homem. Os mineiros estão reforçando sua unidade. Como todos os outros trabalhadores do Brasil compreendem que sem ela é impossível seguir a diante, conquistar a vitória de suas reivindicações. Elegeram um trabalhador honrado para dirigir o Sindicato que está em poder dos pelegos. A pose da nova diretoria eleita é um dos seus objetivos imediatos. Além disso, exigem o pagamento dos 300 cruzeiros que o Tribunal Superior do Trabalho lhes roubou, e lutam por 50% de aumento sobre seus salários globais.

Já estão alcançando algumas vitórias. No dia 18 de maio, nas minas de São Vicente, eles entraram em greve por 48 horas, ocuparam as minas e impuseram parte de suas reivindicações.

As promessas dos demagogos caem no vazio. Que o diga Brochado da Rocha, vaiado recentemente numa assembleia. Os mineiros não acreditam facilmente em promessas. Sabem que só na luta unida e organizada podem alcançar melhores dias, como demonstraram os vigorosos movimentos dos têxteis de São Paulo, dos metalúrgicos e marceneiros do mesmo Estado dos marítimos de todo o Brasil. Como demonstra sua própria experiência de dezenas de anos. Aprenderam que a luta é dura, mas a vitória é certa, quando o espírito de classe anima os trabalhadores.